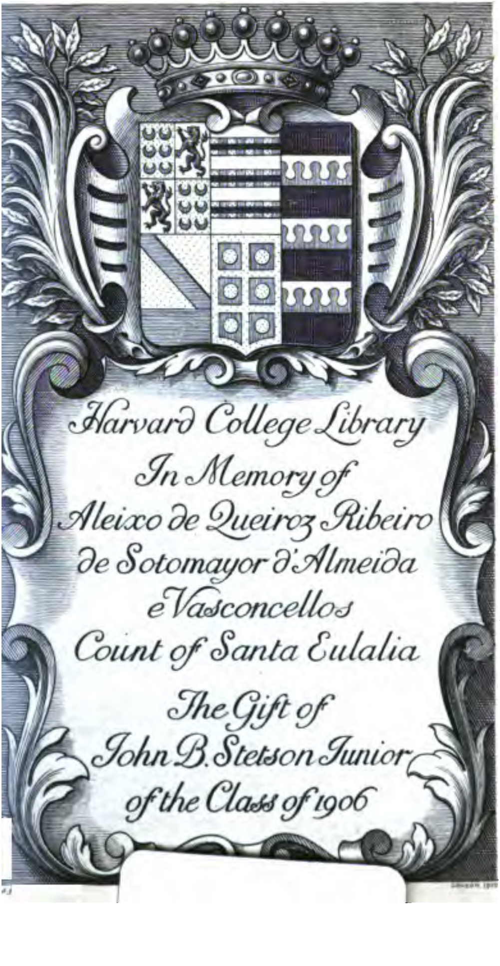

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

A VERDADE,

OU

PENSAMENTOS FILOSOFICOS

SOBRE OS OBJECTOS MAIS IMPORTANTES

A' Religião, e ao Estado,

POR

Joze Agostinho de Macedo.

PERNAMBUCO:

NA TYPOGRAPHIA DE SANTOS & C.ª

1837.

A VERDADE,

OU

Pensamentos Filosoficos

SOBRE OS OBJECTOS MAIS IMPORTANTES

Á RELIGIÃO, E AO ESTADO.

§. I.

Qual seja a primeira indagaçam de hum Filosofo.

QUEM deseja merecer o nome de verdadeiro Filosofo, busque, primeiro que tudo, conhecer-se a si mesmo; interrogue, inquira aquelle interno, e eloquentissimo lume, que lhe descobre àquella superioridade, que o homem tem sobre qualquer outro ser, que não possue aquelle lume: procure conhecer aquelle Ente necessariamente superior a tudo, seu author, e de todos os

outros seres, que elle vê existir fóra de sí. Para dar huma justa idéa do homem, não póde ser adequado o juizo de hum meditabundo Anatomico, que descreva os solidos, os fluidos, os vasos, as ramificações prodigiosas, que o compõe em quanto se considera material, e animal; não basta o juizo de hum Mecanico, que descreva a maravilhosa successão de movimento, de circulação, de separação, que se observão a cada instante nesta máquina, para fazer conhecer a grandeza do ser humano; porque, depois de tão admiraveis indagações, ainda permaneceria occulta a mais preciosa, e a mais importante parte de hum ser tão prodigioso, como he o homem. O conhecimento de si mesmo consiste em descobrir aquelles differentes, e occultos movimentos, que nos conduzem como creaturas racionaes a tantas acções moraes, ou boas, ou más; em descobrir igualmente a origem das paixões, das virtudes, e dos vicios. O conhecimento de si mesmo consiste em dis-

tinguir a primeira causa, de quem trazemos a origem, em investigar as relações, em aprender os deveres, que com ella nos ligão, em assignalar os limites, em que se circunscreve a vida, o exito, e solução da mesma vida; em penetrar a indole, e a tendencia do Espirito; em interrogar os dictames daquella luz interior, que nos falla, e que nos guia. O conhecimento de si mesmo consiste em descobrir as relações, que temos com os nossos semelhantes, e os reciprocos officios, com os quaes a elles nos ligamos; vinculos, e relações, que só pódem formar as delicias da sociedade civil, e cuja fiel correspondencia nos constitue em estado de unir nossa felicidade com a felicidade pública, o nosso bem com o bem público, e de nos tornarmos uteis a nós, e a todo o genero humano, de quem somos membros, e irmãos.

Esta sciencia nos póde tornar muito mais sabios, do que poderiamos ser com o estudo de todas as outras sciencias. De que servi-

ria, ou aproveitaria girar com o pensamento errante pelos espaços das esféras celestes; medir a distancia, e o movimento dos Astros; calcular as leis da gravitação dos corpos, ou as da geração dos insectos, ou penetrar nas entranhas da terra para explorar os segredos de seus fósseis, e metaes, ou correr pelos ares a considerar os meteóros; se permanecemos envoltos na vergonhosa ignorancia de nós mesmos? Homem, eis-aqui huma necessaria advertencia, que eu no periodo ultimo da minha existencia te faço, se tu desejas ser sabio: A nova ordem de sociedade, em que começamos a existir, não te constitue em estado de quereres ser Filosofo antes de conheceres que es homem. Os Sabios da Grecia escrevêrão em letras de ouro na fachada do Templo de Delfos estas palavras — *Conhece-te a ti mesmo.* Isto basta. Lê, ó homem, a todos os momentos estas palavras, entranha-te em seu sentido, e com este estudo começa a ser sabio, já que Filosofo quer

dizer, desejoso, e amante da sapiencia.

§. II.

O Ignorante avilta o homem, por que o nam sabe definir.

Muitos genios, para se mostrarem Filosofos, em o seculo que expirou, com a mira de apagarem a idéa de Deos, que he por si mesma indelevel, procurárão degradar o homem, aviltallo, e confundillo com os animaes tão diversos da sua especie. Disserão que era huma pura quimera a liberdade, a espiritualidade, e a immortalidade da alma. Aos olhos destes orgulhosos o homem não he, mais que huma porção de materia organizada, a qual vive, sente, e pensa em virtude de sua mesma organização. Entre o homem e o bruto, dizem estes Filosofos, não ha outra idéa, que os distinga mais, do que a do maior, ou menor instincto. Quando a organização se des-

concerta, e destroe, e cessa sua actividade, cessão então as operações do homem. Então deixa o homem de existir, e depois delle não fica mais, que hum confuso resto de materia. Quem se não sente abrazar de indignação, e cólera escutando maximas tão extravagantes? Eis-aqui a nova Filosofia empenhada em fazer que o homem seja hum bruto, a despeito do íntimo sentimento, que a todos faz conhecer a propria immortalidade. Filosofos rivaes de Circe: sonhárão os Poetas que esta Fada, filha de Jove, mudára a Scylla em hum monstro marinho, e os companheiros de Ulysses em varias especies de animaes immundos. Antes de soffrermos esta methamorfose, observemos se naturalmente conste que a alma seja livre, seja espiritual, e seja immortal. Para chegarmos á demonstração mais facil desta verdade, não abusando da razão, examinemos como se haja definido o homem em estado natural. O homem nasceo para a sociedade, e não para os bosques, e

foi destinado a viver com os seus semelhantes, não de qualquer maneira, mas em ordem, em tranquillidade, em commercio: todos o soccorrem em suas precisões, como elle tem tambem a indole, e a tendencia de soccorrer os outros.

Se a sociabilidade foi sempre hum caracter essessencial á humanidade, com razão se devem chamar deshumanos pensadores aquelles, que se fingírão o homem material, e só superior aos brutos pela capacidade, e sociavel por conveniencia, ou por convenção de encontrar hum repouso ideal! Imaginar homens selvagens, he suppôr seres degenerados do natural instincto de homem, que vivem contra a sua destinação; homens, que são a ruina, e degradação da especie humana, mais que o simulacro vivente de sua infancia. Seneca, indignado contra os que loucamente filosofando sobre a natureza do homem o aviltavão para o definir, e o comparavão ao bruto: Tirai, lhes diz, a sociabilidade, vós destruireis ao

a idéa que temos da sapiencia, e santidade do Creador, nem se pódem combinar de modo algum com a idéa que temos da sua bondade. Que deverá pois dizer a Revelação para satisfazer o humano entendimento? Eis-aqui como se explica: Se o homem he tão infeliz, he preciso dizer que ha algum delicto, que o torna culpado desde seu nascimento, e que haja viciado sua mesma origem, e pelo qual seja condemnado aos differentes generos de penas, e miserias, a que se chora sugeito. Sem isto não se conheceria a bondade do Creador. Não ha mais que o Dogma do peccado original, que nos subministre o meio de resolver tão grande difficuldade. A razão nos subministra luzes para presumirmos este dogma, e a revelação o desenvolve clarissimamente. Deos creou o homem recto, e em hum estado de natureza sublimada pela graça: a innocencia, justiça, e isenção de todos os males terião sido suas propriedades: este homem assim ennobrecido desobedeceo a

Deos pelo peccado, e n'hum instante se corrompeo a natureza. Fica envolto na ignorancia, fica assaltado da fraqueza, e enfermidade ; teve nelle preponderancia a inclinação ao vicio, e foi estipendio de seu peccado a mesma morte, a que ficou irrevogavelmente sugeito. Desta arte a Fé instrue a razão, e amestrando o Filosofo, lhe ensina a resolver as difficuldades, que em vão com o proprio entendimento procuraria destruir.

§. III.

Reclamaçam do natural sentimento contra os que definem o homem pura máquina.

No homem ha huma alma espiritual. Desde que se conhece Mundo, a idéa mais natural á humanidade, por huma especie de instincto, he a idéa de distincção entre o espirito, e a materia ; aos olhos dos póvos

mais selvagens sempre appareceo claro, que tudo o que se move era animado de hum espirito, e que toda a operação espontanea era produzida por huma almá, ou genio, que se alvergava em cada corpo semovente. Nós conhecemos póvos polyteistas, que imaginárão que os elementos, os astros, os animaes, as plantas, e qualquer parte da Natureza, em que se descobria alguma especie de acção, erão outros tantos seres habitados d'espiritos superiores ao homem, a quem dirigião seus cultos. He tão antiga como o homem a idéa do espirito, que se distingue da materia. Trata-se pois de examinar se no homem se conheça este ser espiritual? Digo, que a primeira prova, que basta para nos convencer, he o interior sentimento. Eu sinto, que existo, e em minha existencia me sinto diverso de outro qualquer ser, qne exista fóra de mim. Ora eu não siuto, nem a existencia, nem a figura, nem a estructura, nem o jogo das fibras em meu cérebro, nem de outra qual

quer parte interior de meu corpo. Logo, cada huma de suas partes, e todas tomadas collectivamente, são outra cousa, que não sou eu. O mais ignorante dos homens sente-se a si, como eu me sinto a mim. Ha cincoenta annos que me sinto ser o mesmo individuo; que expirimento sensações, prazeres, dores; que penso, e que quero. Sinto pois, que soù huma substancia, isto he, hum ser, o qual recebe modificações diversas; e as perde sem deixar de existir. Ora este sentimento interior, individual, e permanente, não he hum accidente que em mim se produza de novo, he a minha mesma essencia, a essencia da minha alma. Não póde cessar, sem que eu seja anniquilado; eu não existiria se não sentisse que existo; mas este sentimento não he por certo a essencia da materia, aliàs toda a materia se sentiria a si mesma. A natureza do pensamento por si mesma repugna á natureza da materia. Torne-se esta materia, quanto quizerem, subtil, sempre será divi-

sivel: os materialistas convém nisto. O pensamento he hum acto simples, indivisivel, instantaneo, que se não póde nem medir, nem decompôr. Pensar, julgar, querer, desejar, escolher, não são outros tantos actos susceptiveis de extensão, de duração, de partes; mas são actos simples, que não pódem nascer de hum principio divisivel, qual he a materia.

Ha quem chegue a confundir o pensamento com o movimento: não se póde imaginar parallelo mais extravagante. Eu quero admittir, que qualquer pensamento em minha alma não se forme, se não pelo movimento das fibras do cérebro; mas este movimento não he a causa, nem o sujeito, nem o mesmo pensamento: entre huma, e outra cousa não ha a mais pequena relação. Em quanto se não supposer em mim hum principio pensante distincto da materia, e capaz de percebêr as mudanças, e os movimentos, não haverá aquella idéa, que se chama pensamento. Além disto o movi-

mento he susceptivel de divisão como a materia, póde medir-se, e he capaz de mais, e de menos, nós podemos calcular sua duração, força, e celeridade. O movimento divide-se, e communica-se, e o corpo que o imprime o perde á proporção que o dá. Nada disto convém ao pensamento; não tem nem momentos, nem gráos; não se communica por modo algum se se não falla: o meu pensamento não póde ser o pensamento d'outro, não póde passar de meu cérebro a outro cérebro, he individual, e identificado comigo mesmo. Dois espiritos não pódem concorrer a formar o mesmo pensamento, nem o pódem dividir entre si.

Não he preciso estranho genio de intelligencia para comprehender, que o movimento não he espontaneo, e que, se não recebe o impulso, não tem effeito, e que se não he rechaçado de outra força não retrocede. Todos vem que o pensamento em sua extensão de reflectir he hum acto pura,

mente espontaneo. Julga-se, retracta-se, resolve-se, muda-se, reflecte, compára, deduz consequencias de dois juizos comparados, e combinados, e não ha força alguma repulsiva, ou rechaçante, de quem seja obrigado por organica razão. O movimento não se póde conhecer a si mesmo como o pensamento se conhece: pensar, e sentir que se pensa, he hum acto só, nem he possivel o perceber, sem sentir que se percebe. Não era por certo a Revelação, não era a Fé, mas a razão, quem fez comprehender a Platão que a alma do homem he hum ser simples, inalteravel, sem composição, sem partes, e que tem maior relação, e semelhança com o espirito eterno, que com as cousas corporaes, e sensiveis. Eis suas mesmas expressões no dialogo sobre a alma, tão bem exposto, e entendido pelo Judeo Moysés Mendelson, ou filho de Mendes:— Não nos admiremos que tudo quanto he corporeo, e sensivel seja sugeito a alterar-se, e a destruir-se, e que jámais se conser-

ve em hum mesmo estado: as partes, de que he composto, se evaporão, se separão, e se dissipão continuamente; porém a alma he hum ente simples, indivisivel, inalteravel: pódem os sentidos alguma vez distrahilla, e tornarem-se para ella huma occasião de erro; mas póde entrar em si mesma, e applicar-se ao conhecimento do que he puro, eterno, e immortal. O homem que medita conhece facilmente que tem semelhança maior com a bondade inintelligivel, immudavel, e eterna, que com todas as outras couzas, que pódem obrar sobre nossos sentidos.—

Ora, se a Revelação nos ensina que o homem tem huma alma espiritual, indivisivel, indestructivel, e eterna, huma alma que se póde dar ao conhecimento de Deos, e que he feita á sua imagem; poderá açaso a Revelação ser contraria á razão? A razão nos prepara para a convicção íntima de tudo aquillo, que a Revelação nos ensina.

§. IV.

O ser espiritual no homem foi sempre conhecido por todos os homens.

A espiritualidade d'alma, assim como a existencia de Deos, he huma crença tão universal, e natural ao homem, que se póde dizer, que esta he a crença de todo o genero humano. A tradição primitiva, o sentimento interior, a reflexão sobre nossas mesmas operações, são outros tantos motivos de convicção. Nenhum povo, nenhum ser pensante se persuadio que a materia podesse pensar, como nenhum imaginou que a materia por si mesma se podesse mover. Vanini, Diderot, Lock, Helvecio, não são excepções nem infinitessimas. Apesar dos sofismas de Epicuro, Lucrecio, Pomponacio, e Lametrie, a espiritualidade do ser pensante he para todos hum dogma tão geralmente impresso no dia de hoje, como o foi nos tempos primitivos do

Mundo; he huma verdade suggerida pela Natureza a todos os homens: a consciencia o diz, e ella constitue a differença entre o espirito, e a materia. Todos entendem por espirito hum ser que conhece que sente a sua existencia, que tem a consciencia individual de si mesmo, que tem o poder de determinar, e de mover a materia.

Eu ponho á vista do Universo a conspicua demonstração do mais eloquente Filosofo, que existio, e existirá, Marco Tullio Cicero.— Não se póde aqui encontrar a origem da alma, he livre de toda a mistura, e composição, nada tem de commum com a terra, com a agoa, com o fogo, com o ar. Estes corpos não tem a actividade do espirito, da memoria, do pensamento. Estes não se pódem lembrar do passado, antever o futuro, conhecer o presente. Tudo isto são attributos Divinos, e só Deos os póde communicar ao homem. He pois o espirito de huma força, e de huma natureza particular, distincta de todos os seres

sensiveis; isto que conhece, que sente, que quer, que vive, he Divino, e vindo do Ceo; e se assim he, então he eterno. Nós não podemos conceber o mesmo Deos, se não pela idéa de huma intelligencia, (*Mens*) sem nenhuma mistura, livre de toda a materia corruptivel, que conhece tudo, que move tudo, cuja acção he eterna. A alma humana he da mesma natureza, e da mesma especie. Perguntar-me-heis donde ella venha, e qual seja a sua essencia; mas se eu não comprehender tudo quanto quizer, obrigar-me-heis a não dizer aquillo, que eu comprehendo. O espirito não tem a vista intuitiva de si mesmo, he como hum olho que vê tudo, e não se vê a si mesmo, mas sente sua força, sua penetração, sua memoria, sua actividade, sua acção. Eis-aqui o que elle tem de grande, de Divino, e de eterno. Assim como não vêdes a Deos, e o conheceis por meio de suas obras, assim tambem sem vêr a alma, vós podeis conhecer sua energia Divina, quan-

do attendeis para sua memoria, penetração, rapidez de suas idéas, e excellencias de suas faculdades. Devemos comprehender, se não formos fisicos estupidos, que o espirito não he composto, nem misto, nem duplicado; mas simplice, e indivisivel: não póde ser nem separado, nem decomposto; logo, não póde acabar, nem cessar de existir.— Até aqui o Filosofo Orador; e nenhum daquelles, que em todos os tempos se ousárão dizer materialistas, teria animo de condemnar Cicero como hum fanatico. Se este grande homem vivesse, saber-lhehia dizer, que sua energica definição do espirito humano, não era só doutrina sua privativa, mas a doutrina de todo o genero humano, e que a tinha aprendido de Socrates, conforme o testemunho de Xenofonte, e que não tinha feito, fallando da alma, mais do que copiar Platão. Filosofos, aprendei a respeitar o homem, que aviltais com vossas maximas, e costumes.

§. V.

O homem he livre.

A liberdade do arbitrio, com que o homem he senhor de suas proprias acções, liberdade com que póde escolher entre o bem, e o mal moral, obedecer ao appetite, e á razão, he o mais nobre de seus privilegios, e o titulo, pelo qual mais se póde aproximar á Divindade. Hum bruto sugeito ao appetite, ou ao sentimento actual da necessidade, huma porção de materia organizada, e sempre levada da impulsão, que se lhe communica, sem que sobre ella possa reflectir, não são, por certo, seres creados á imagem, e semelhança de Deos. Os que defendem a liberdade civil, se não conhecem a espiritualidade da alma, vão detruir no homem a liberdade natural, e não advertem que vão dar na mais monstruosa contradição. Querem fazer do homem huma máquina, e eu lhes perguntaria, de que

póde servir a este homem ser livre em a sociedade, se elle não he livre em a natureza? Miseraveis! A si mesmos se illudem, e á natureza; provão a liberdade ao mesmo tempo que a negão. Resistem ao universal instincto da humanidade, argumentão á despeito do senso intimo.

Vós vêdes, ó Filosofos, vós vêdes no homem actos espontaneos, actos voluntarios, e acções livres. Espontaneo he o que se faz no delirio, no somno, e sem reflexão. Voluntario he o que se opéra com reflexão, com attenção, e com conhecimento, em virtude de huma inclinação, que a elle o conduz. Acção livre he aquella que se faz com attenção, e reflexão por escolha determinada por hum motivo, com hum verdadeiro poder fisico de resistir a este motivo, e de abraçar o contrario; o poder de resistirmos aos motivos que nos estimulão, ou de os seguirmos por escolha propria, he o que se chama liberdade de indifferença. Nós sentimos em nós mesmos

duas qualidades de movimentos, huns independentes de nossa vontade, como a pulsação do coração, a circulação do sangue; e outros são sugeitos á nossa vontade, e nós sabemos mui bem distinguir os que são deliberados daquelles, que são reflectidos. Da especie dos primeiros será, por exemplo, no momento em que me escorrega de huma parte hum pé, eu estendo o braço da outra para formar algum equilibrio; eu faço este acto necessario, e indeliberado sem a minima reflexão. Mas quando eu estendo hum braço para levantar quem cahe, ou para ferir hum inimigo, eu me determino a isto por hum motivo reflexo, por hum movimento voluntario, e livre. O louco Fatalista não póde deixar de sentir, e comprehender dentro em si mesmo huma semelhante distincção. Ha em nós desejos, e volições, entre os quaes alguns são livres, e outros não: a fome, e a sede produzem desejos de alimento, e estes não são livres, porque nascem, ou provém da disposição

maquinal do homem: nós lhes podemos resistir peló que pertence á qualidade do alimento, ou por algum motivo de virtuosa sobriedade, on podemos por motivos oppostos consentir nestes desejos; então os effeitos da vontade são livres, porque nascem de hum motivo reflexo. No primeiro caso a vontade, ou o desejo do alimento tem por causa fisica a disposição da máquina; no segundo a vontade efficaz de nos alimentarmos tem por causa moral o motivo que nos determinou. Ora, o effeito de huma causa moral não he necessario como he o effeito de huma causa fisica; logo, a alma he livre, e o senso íntimo o testifica. Estes actos voluntarios, livres, e reflexos, são unicamente susceptiveis de moralidade, estes são os unicos actos que a consciencia ou approva, ou desapprova com o remorso.

Lock, com o lume da razão, conhece esta verdade tão impugnada pelo Fatalismo. Analysa, estabelece, e prova a liberdade.

Esta, diz elle, consiste na potencia que temos de obrar, ou não obrar em consequencia da nossa escolha. Mas que causa nos determina, e nos faz escolher? A satisfação presente, que encontramos naquillo mesmo que escolhemos; nesta escolha consiste a liberdade: logo, o homem he livre. Não quero que fique como esquecida a objecção, que se costuma extrahir da prática. Se fossemos livres, qual seria o homem que não mudasse de natural, quando se sente arrebatado por força de hum maligno humor a executar acções de sua natureza más, e detestaveis? Observão-se homens invariaveis na indole, nas inclinações, e nos habitos: quem sabe se a formação do craneo não induza a necessidade de algumas acções? As novas idéas, e novos descobrimentos de Craneologia tem demonstrado que persistem no homem disposições naturaes que o inclinão irremediavelmente ou á rapina, ou á luxuria, ou á ferocidade, ou á vingança. Eu não sou o Juiz do tão

dir, ou observar? Como poderia a sociedade civil punir com seus castigos a necessidade como hum delicto? Seria hum semelhante castigo injusto, e brutal. Quem não comprehende a indecencia, e o absurdo de tão funestos principios adoptados pelos novos Filosofantes depois dos escritos de Helvecio? Se o homem, que querem livre na sociedade, não fosse livre em a Natureza nas valições de seu espirito, então as leis, as penas, a recompensa, o louvor, o vituperio, a gratidão, e o ressentimento serião quimeras, porque taes affectos, e sentimentos não se pódem estabelecer, nem apoiar se não sobre a liberdade humana. Nada se fundaria em razão: não haveria nem vicio, nem virtude, nem acção boa, ou má na ordem moral. Em tal caso o homem conduzido á maneira dos brutos com o instincto do appetite sensitivo, não seria responsavel á sociedade por suas acções. Eis-aqui o grande serviço que prestão á sociedade os grandes mestres do Filosofis-

mo! Se hum ministro de Justiça me condemnasse a huma mulcta pecuniaria por algum delicto politico, ou me sentenceasse a alguma pena corporal, por algum crime em damno da sociedade, eu lhe poderia responder: Tu és louco, cruel, e injusto: a minha acção foi necessaria, nem eu prestei o meu consentimento para que se executasse. Castigarias acaso a náo, que te conduz ao naufragio, ou as ondas, que se entumecem na tempestade? Quem te disse que a minha acção se devia chamar hum delicto? Assim deveria eu discorrer, se não fosse livre em operar.

Concluamos pois; ou o homem he livre em operar, ou não he: se he livre, será justa a lei, e legitimo o poder da authoridadade; terá lugar o louvor, o vituperio, a recompensa, o castigo, a virtude, o vicio, a felicidade, a miseria: se não he livre, então venceo o Materialista. O homem he huma máquina, não obra se não por necessidade, nem he verdade, que o louvor o

anima, que o vituperio o avilta; não ha verdade, que o alentão as promessas, que o aterrão as ameaças, he injusta a lei, que o constrange, iniqua a autoridade, que o contém. Taes serião as consequencias de tão horrivel systema. Que homem ha, que as não conheça ridiculas, e monstruosas? Quem não confessará, que o Materialista, e o Fatalista seria hum subvertedor se vivesse em huma sociedade de homens livres? Com seus paradoxos enerva, e destroe todos os principios da virtude, da energia, do heroismo. Supprime a idéa do delicto, torna inutil a lei, ridicula a autoridade. Só o delinquente póde encontrar utilidade em tão impio systema. Huma alma innocente, e virtuosa nunca poderá renunciar o merito de suas acções negando a propria liberdade. Busque o coração criminoso socegar seus remorsos, paliar suas iniquidades, supponde huma quimerica fatalidade; não me admiro: este expediente he muito commodo para os scelera-

dos. Digão os homens de siso se he util á sociedade humana tão atroz Filosofia ?

§. VII.

O homem he livre, e deste principio se derivam os argumentos das verdades naturaes.

Ouvi, Filosófos: he evidente, que se o homem não fosse livre, não haveria, nem bondade, nem maldade moral; nem justo, nem injusto, nem deveres, obrigações, e direitos: daqui se colhe quanto importe estabelecer solidamente a realidade, não digo só do acto voluntario, mas da liberdade. Á vista disto, eis aqui como eu discorro: Se o homem he livre, este dogma da liberdade humana destroe, e aniquila pela raiz o materialismo; e em tal caso, eis aqui tambem estabelecida toda a cadêa das verdades conhecidas pela razão. Se o homem he livre, a sua alma he hum espirito,

a materia não he essencialmente capaz de espontaneidade, e de liberdade. Se a alma he hum espirito, não póde deixar por sua mesma natureza de ser immortal. Huma alma espiritual, huma alma livre, huma alma immortal, não póde ser producção da materia, mas sim de huma substancia espiritual, e de huma substancia espiritual superior em poder, e actividade ao espirito humano; logo, não póde ter se não à Deos por author; logo não póde começar à existir, se não pelo prodigio da creação. O homem nasceo livre; logo, he hum agente moral capaz de vicio, e de virtude: tem pois necessidade de huma lei, que o dirija, de huma consciencia, que o guie, de huma Religião, que o anime, e que o console. Conhece em Deos hum principio eterno, de quem se deriva, e com quem conserva relações. Conhece hum ser bom, sabio, potente, e justo. Sente o homem em sua existencia os effeitos de sua bondade, de seu poder; sente a idéa de sua justiça,

e convence-se de que os effeitos desta são huma justa remuneração. Esta remuneração lhe apresenta huma necessaria idéa de premio, e de pena proporcionados ás suas acções; premio, que compense a virtude; castigo, que vingue o delicto: mas, não vendo na Terra, nem recompensado o justo, nem punido o scelerado, sente deformidade em ver, que debaixo do Imperio de hum Ente, essencialmente justo, permaneça o delicto sem pena, e a bondade, e virtude sem recompensa; então este homem argumenta, e conclue, que não deve, e não póde acabar na desordem a vida humana; que além do tempo, e além da duração da vida presente deve haver para seu espirito outra existencia depois da dissolução corporea. Neste novo estado sentirá o homem os effeitos da justiça do seu Creador, o qual premiará a virtude, e punirá o vicio; e o premio, e a pena serão convenientes á grandeza daquelle Deos, donde tira a sua origem, e debaixo dos olhos de cuja provi-

dencia vive, e de cuja justiça sempre depende. Taes são as primeiras bases da Theologia Natural. Nascem estas verdades, da simples força da razão, e do raciocinio. No homem a unica, e privativa condição da liberdade fórma a inevitavel consequencia de ser religioso; posso dizer, que liberdade, e Religião são duas idéas inseparaveis.

§. VIII.

O Materialismo he prejudicial á Sociedade.

Estranho paradoxo! Não houve tempo em que mais delirassem os Filosofos para fazerem conhecer ao homem sua natural grandeza, como o seculo, que acabou. Empenhárão-se em o despertar do lethargo, em que o havião sepultado as antigas precoccupações. Empenhárão-se em o levantar do aviltamento, em que havia cahido pela prepotencia estranha. Este he o tempo, di-

zião os Filosofos, em que o homem deve rasgar aquelle negro, e carregado véo de ignorancia, que o tornava como esquecido de si mesmo." Arvorou-se o feliz estandarte, após o qual deve surgir da escravidão. Ha de recuperar seus direitos, ha de triunfar de seu arbitrio, e ha de ser senhor de sua vontade. Eu não posso comprehender como á vista deste lisongeiro quadro possa subsistir o empenho, que os mesmos Filosofos tem mostrado em sustentar nestes ultimos tempos, que o homem hè huma máquina, que obra unicamente por principios organicos; que não he mais, que pura materia; que não he livre em suas acções; em summa, para mostrar, que o homem he soberano, he preciso mostrar primeiro, que he hum bruto! Tal he o paradoxo, e tal he a contradição, em que tem cahido a moderna Filosofia!

Quantos damnos virião á Sociedade, se fossem cridos os falsos dogmas destes Filosofos! Se fosse cousa demonstravel, que a-

alma do homem he material, e que deve perecer juntamente com o corpo; seria este o objecto mais triste, e mais capaz de aviltar a humanidade. O homem tem huma inclinação invencivel, que o induz a crer se livre, e immortal; esta he a mais poderosa mola, e a mais sábia reguladora de sua actividade; esta he a origem inexhausta de todas as virtudes sociaes. O homem de bem interessa muito em sua vida futura para deixar de desejar sua eterna existencia, e nunca poderá querer a sua anniquilação. Só o scelerado desejará extinguir em seu coração hum pressentimento, que o inquieta, e que o faz tremer. Eu me fiaria mui pouco nas acções, e nas palavras daquelle homem, que se persuadisse, que dentro em pouco cahiria no abysmo do nada. Será para mim bem pouco benefico em vendo, que eu o não posso compensar: facilmente será para mim nocivo, se conhecer, que me não posso vingar de suas affrontas. Hum materialista virtuoso sem esperança

benéfico sem motivo honesto, e moderado por natureza, he para mim hum fenómeno incomprehensivel. Miseravel sociedade, se os teus membros fossem desta opinião! Que remedio, que reparo opporião a huma perversa sorte? Apenas huma cega desesperação, fecunda em suicidios, unico meio de abbreviar a pena! Se esta maxima se propagásse, seria o mesmo que propagar hum furor hipocondriaco, que dominaria em todos aquelles, que vivéssem descontentes da propria sorte. Ó Apostolos da humanidade! Ó Encyclopedistas! Vossa doutrina he tão funesta, e desgraçada, que o genero humano vos deve considerar como seus mais implacaveis inimigos! Se quereis provar melhor que o homem he livre na sociedade, começai pelo livrar da necessidade da natureza, e da injuriosa coacção do destino. De que vos serve decantar este homem soberano, e legislador, se depois o degradais, e reduzis á condição dos brutos? Que contradição! Vós o quereis

tornar feliz, e depois procurais despojallo daquelle caracter, que he o unico principio, e motivo de sua felicidade! Sois ingratos ao beneficio do Creador, que quiz sublimar o homem á honra, e á grandeza, e vós o quereis igualar á natureza dos brutos!

§. IX.

O pensamento da immortalidade he o conforto da virtude: a Sociedade interessa que a immortalidade seja crida.

Homens, que não quereis conhecer a Religião revelada, vós mesmos sentis a força consoladora deste dogma da immortalidade; escutai como se exprimia Cicero indignado contra os Filosofos, que o perturbavão nesta sua crença.— Se eu me engano, dizia o eloquentissimo Tullio, se eu me engano crendo, que a alma he immorta eu o faço com toda a minha vontade; em

quanto viver, não quero que me despojem deste erro, que me serve de toda a consolação! Se hum morto não sente mais nada, como o affirmão estes mesquinhos Filosofos, eu não temo, que estes senhores Filosofos venhão depois da morte insultar a minha credulidade.— Tanto se mostra, que huma inclinação natural faz que o homem ache consolação em hum semelhante dogma. Mas eu ouço huma objecção dos materialistas. Dir-me-hão, que a idéa da immortalidade da alma he huma opinião, que nasce, ou procede do amor proprio. Alguns Legisladores sustentárão a immortalidade para enfrearem os máos, e obstarem as suas desordens. Os Sacerdotes a acreditárão para se tornar mais importantes, e estabelecerem sacrificios para a expiação dos delictos. Estas idéas, dizem os nossos Filosofos, inculcadas desde a infancia por huma sagaz educação, se arraigárão com a idade: o temor da morte as fez ainda mais poderosas, e violentas. Taes são os senti-

mentos do novo Filosofismo. Parece-me, que he facil a sua resposta. Se a crença da immortalidade d'alma he produzida pelo amor proprio, quem poderia deixar de conhecer nesta mesma idéa o producto da natureza, e da mesma humanidade? Não diz o Materialista, que o amor de si mesmo he quem induz o homem á virtude, e lhe faz abominar o vicio? E por ventura será para elle falso tal amor, e tal motivo? Se o amor da verdade he hum ramo do amor proprio, dirá acaso o Materialista, que a verdade he huma quiméra? Se o amor proprio conduz o homem á virtude, e o obriga a buscar a verdade, he preciso dizer, que se a crença da immortalidade d'alma nasce do amor proprio, então esta crença nascerá da mesma natureza, d'onde nasce a virtude, e d'onde aponta a verdade. Então, voz da natureza, lei da virtude, amor da verdade, e immortalidade d'alma, serão todas idéas inseparaveis, nascidas do mesmo principio; d'onde se póde concluir, que

quem não crê a alma immortal, não sente a natureza, não ama a virtude, não conhece a verdade.

Mas se o amor proprio fosse o unico principio, d'onde nascesse a opinião da immortalidade da alma, poderiamos dizer, que este amor proprio he biforme, que mente segundo a opportunidade: nós vemos, que esta verdade consola o homem de bem, e affilige fortemente os scelerados: os primeiros por amor proprio a sustentão, os segundos por amor proprio a destroem. Logo, este amor proprio não será huma prova, nem para sustentar, nem para destruir esta immortalidade. Lembrão-nos, que todos os Legisladores tem inculcado este dogma da immortalidade, para pôr hum freio ás desordens dos máos; que os Sacerdotes lhe derão valor para introduzir os sacrificios. Fosse qual fosse a intenção de huns, e de outros, sempre se dirá, que a Religião serve de apoio á legislação, e que a legislação, e a Religião tem enfreiado os

máos, e que ambas de acordo tem servido de sustentaculos á sociedade. Ainda concedendo aos incredulos suas extravagancias, sempre podemos argumentar contra elles, e se lhes póde dizer, que com seus sofismas intentão roubar á Sociedade aquelle bem, que em todo o tempo a Religião, e a legislação lhe procurárão. A Religião, e a legislação tem promovido o polimento, e a ventura do genero humano, e os Filosofos tem trabalhado pelo reduzir á barbaridade.

O senso intimo decide se seja, ou não seja conforme á razão o dogma da immortalidade; se seja mais conducente para a tranquillidade do animo, e mais util aos interesses da sociedade humana. Para duvidar deste dogma, he preciso haver ensurdecido aos brados da razão.

§. X.

O governo politico deve temer sua ruina, se prevalecerem as maximas do Materialismo.

Muito tem que temer a Sociedade civil daquelle Filosofo, que negar a immortalidade da alma! O mesmo Hebreo Portuguez Espinosa (em geral desacreditado por aquelles, que o não entendem), affirma que se deve desejar, e procurar que o povo cumpra seus deveres mais por effeito da Religião, do que por temor servil. Ora, tirada a idéa de huma futura existencia, está logo anniquilada toda a idéa de Religião. Bolimbrocke reflecte, que a doutrina das penas, e dos premios futuros he opportunissima para fazer observar as leis civis, e reprimir os vicios dos homens. Hume não quer de sorte alguma reconhecer por bons cidadãos, e por politicos aquelles, que pro-

curão extirpar do genero humano os principios de Religião. Destas maximas emanadas, não da doutrina dos Theologos, mas do lume filosofico daquelles Sabios, que o Mundo tanto préza, eu posso deduzir, sem insulto de ninguem, huma clara consequencia; e vem a ser, que aquelles, que negão a immortalidade da alma, e por consequencia negão a Deos, e escarnecem da Religião, nem são bons politicos, nem bons cidadãos; e que a Sociedade os deve considerar com desconfiança, e tellos em conta de nocivos, e contrarios aos seus interesses; porque privão o homem do maior, e melhor estímulo, que póde ter para cumprir seus deveres, despojando as leis civís de seu maior vigor, e despedaçando o freio mais poderoso para reprimir os vicios. A que ficaria reduzida a Sociedade, se muito se propagassem os erros de semelhantes Filosofos? Ver-se-hia o vicio canonisado, as leis transgredidas, escarnecida a authoridade, e reputado huma quiméra o mesmo a-

nor da Patria: julgar-se-hia a virtude huma preoccupação, a morte hum recurso, a espada hum direito, a força huma razão; e em tal caso a Sociedade humana se veria transformada em hum bosque de féras. Oh Filosofia estranha, e damnosa! A verdade arrancou do coração de Raynal esta pasmosa confissão: — A idade da Filosofia annuncia a velhice, e a decrepitude dos Imperios, de quem debalde se chama o alicerce. A Filosofia formou o ultimo seculo das bellas Repúblicas da Grecia, e de Roma. Athenas não teve Filosofos, se não nas vesperas de seu exterminio. Cicero, e Lucrecio não escrevêrão da natureza dos Deoses, e do Mundo, se não no estrepito das guerras civís, que abrírão o tumulo á liberdade.

§. XI.

O dogma da immortalidade nam he huma invençam dos Catholicos.

Não posso conter minha indignação á vista da ignorante impudencia, com que se calumnia o Catholicismo, como se fosse huma seita singular, d'onde se derivasse como opinião propria o dogma da immortalidade! He preciso ser desprovido das primeiras noções da Historia do Mundo para ter o arrojo de formar huma semelhante objecção! A idéa da immortalidade, e por consequencia de huma vida futura, foi sempre a idéa de todos os póvos sem exceptuar hum só. A Idolatria, que he a mais funesta extravagancia do entendimento humano, deo nova força a este dogma; ainda digo mais, este dogma foi a vertente, d'onde dimanou a Idolatria entre os póvos barbaros. Quem ignora, que a apotheóse dos homens

grandes, e o uso de lhes dar honras divinas depois da sua morte, são antiquissimos entre os póvos polytheistas? Não terião estes supersticiosos costumes se se persuadissem, que depois da morte nada existia. Os Egypcios são considerados como primeiros authores da Idolatria, e assim mesmo acreditavão não só a immortalidade da alma, mas a resurreição dos corpos. Esta crença introduzio naquelle paiz o costume de embalsamar os cadaveres. Esta crença obrigou seus Monarchas a levantarem pyramides, dentro das quaes querião ser encerrados depois da sua morte. Antes dos Egypcios, os Indios, os Chins, os Celtas, os Gallos, os Bretões, e os Irlandezes, os mesmos Americanos, acreditavão este dogma; e estes póvos, por certo, nunca forão ao Egypto para o aprender. As honras fúnebres feitas aos mortos, o respeito aos sepulchros, forão entre todas as nações o testemunho da crença de huma vida futura. Neste ponto a Religião foi sempre hum salvo conducto da

moral, e hum esteio firmissimo da Sociedade. O homem cheio de hum respeitoso espanto á vista do cadaver de seu semelhante, tinha horror, e aversão ao homicidio; criase que a alma do morto perseguia sempre o seu matador clamando contra elle vingança, e nem se observarião semelhantes effeitos, se tivessem huma opinião contraria á immortalidade da alma. A mesma loucura de interrogar os mortos sobre futuros, e contingentes acontecimentos, foi huma superstição geral. O primeiro, que a vedou, foi Moysés; o povo Hebreo a tinha aprendido dos Cananeos. Homero, e Virgilio fallão desta prática como universal, e commum entre os Antigos. O abuso de hum dogma sempre suppõe a sua crença. A mesma sonhada preexistencia, e transmigração das almas, he huma ingenua confissão, que os Filosofos fizerão de sua espiritualidade, e de sua immortal condição. Digo pois, que o dogma da immortalidade da alma, fora o dogma de todos os tempos,

e de todos os pôvos, e que nascêra com o genero humano. Disto se vê, que só o odio da Religião tornou o Filosofismo contrario á Fé, e até aos dictames communs da mesma razão.

§. XII.

O Metafysico, que quizer discorrer de boa fé, conhece a espiritualidade, e a immortalidade da alma.

Se os impugnadores das mais sagradas verdades fossem tão felizes em discorrer, como o são em vilipendiar os que discorrem, não sentirião tanto trabalho em comprehender, como póde ser immortal o espirito humano. A espiritualidade já demonstrada, e a simplicidade da substancia deste Ser, que chamamos alma, concorrem muito para nos convencer de sua immortalidade. Se o espirito he huma substãcia activa, distincta

da materia, não tem necessidade da materia para subsistir, nem para obrar; e por que não he composto de partes, não está sugeito á dissolução, á corrupção, e á morte. Quando a materia se decompõe, nenhuma de suas partes se anniquila, recebe sim novas combinações, e huma fórma differente. Se hum átomo de materia não póde naturalmente reduzir-se ao nada, com que fundamento julgaremos nós, que huma substancia simples, e distincta da materia, não possa nem subsistir, nem obrar sem a mesma materia, em quanto he demonstrado, e evidente, que a materia inerte, e passiva de sua natureza não póde ser o principio de acção alguma? He verdade, que ao presente o espirito opéra em virtude das impressões recebidas pelos sentidos; mas, separado, ou segregado do corpo, não cessa de ser necessariamente activo, como não cessa de ser necessariamente inerte, e passivo aquelle corpo, que existe separado do espirito. Até agora mesmo eu provo, que

o meu espirito opéra sem o soccorro dos sentidos. Eu tenho o sentimento de minha individual existencia sem o soccorro de sensação alguma. Conheço, que sou capaz de reflectir sobre as minhas idéas, de as confrontar, e combinar, e até de produzir novas idéas sem o ministerio dos sentidos; logo, o meu espirito tem huma força activa, e sua dependencia a respeito dos sentidos não he huma cousa essencial ao mesmo espirito. Seria hum absurdo, que hum ser activo em virtude de sua mesma essencia, tivesse necessidade de hum instrumento passivo para exercitar sua actividade. Quando este corpo se dissolve, e destroe, não existe mais a sua dependencia com a alma; e a alma, que he activa por propria essencia, não deixa de o ser separada daquillo, que não póde ser necessario â sua essencia; sôlta do corpo, goza plenamente daquella actividade, que lhe he natural. Suas idéas não são então excitadas pela percepção recebida pelos sentidos; mas,

considerando os objectos em si mesmos com o intuitivo conhecimento puro, por força de sua natural intelligencia, formará pensamentos puros. Ora, estes pensamentos pódem ser, ou hum argumento de júbilo, ou de tristeza, de miseria, ou de felicidade. As penas, e os prazeres do espirito excedem as penas, e os prazeres do corpo: a alma separada do corpo he susceptivel por isto de castigo, e de recompensa: eis-aqui as consequencias destas transcendentes verdades em metafysica: a alma he espiritual; he livre nos actos de sua vontade; he hum ser activo independente do corpo; he immortal. Se he immortal como hum ser activo por propria essencia, he capaz de prazer, e de pena. Estas verdades naturalmente se conhecem por aquelles, que não renunciárão ao sentimento da natureza, e ao lume da razão.

lirio da razão escrava do Fanatismo. Não se póde negar, que seja este hum erro gratissimo, de que o impio não quer ser despojado; o mesmo impio condemna aquella razão, que seu máo grado o convence, apresentando-lhe a existencia de Deos como huma verdade natural a que não póde resistir. Então vê, que se lhe equilibra a fantasia desordenada, e que se lhe tira dos sentidos por força aquelle jucundo prazer, que lhe parecia gozar vivendo vicioso sem ser Christão. Mas eu, para abater o Atheismo não recorrerei, porque não ha necessidade, áquelles tremendos golpes, que se admirão nas obras de Newton, de Muschembroecke, e de Niewentit, os quaes forão os primeiros, que derão com a razão provas convincentes de hum Ser soberanamente intelligente, de tal maneira, que só com as fadigas destes grandes homens se póde dizer: o Mundo não he Deos; o Mundo he huma máquina material. Mas este elogio he excessivo. Para conhecer a

existencia de Deos não he preciso Newton. Nem a Fysica, nem a Metafysica, nem os cálculos de Algébra forão necessarios aos homens para conhecer huma verdade tão importante, e tão clara. Falla a Natureza; os Céos, o Firmamento annuncião a gloria deste Deos, que existe. O homem adquire este conhecimento naturalmente pela simples consideração de si mesmo, e pela mais simples vista que lance sobre os objectos admiraveis, que o circundão. Por mui superior que seja aos sentidos esta persuasão; por muito contraria que seja á humana malicia, sempre foi universal; e firme em todo o homem, em todo o tempo, e em todos os lugares. O mesmo Sceptico Bayle chegou a dizer em seu Diccionario, que sem hum exaltado gráo de força de alma maniaca, não se podia chegar a ser Atheo; e eu me persuado, que Bayle disse a verdade. Para este paradoxo he preciso hum homem tão frenetico de liberdade, que não querendo superioridade alguma na terra,

passe, á impudencia de não querer quem commande no Ceo: e se não póde fazer, que este Deos não exista, ou não póde dizer quanto baste para provar esta inexistencia, ao menos se esforça pela desejar, ou dar a entender que não devia existir! A tanto se chega nestes tempos do Filosofismo para fazer, como dizem os fataes Encyclopedistas, para fazer hum grande serviço á Razão!

§. XIV.

O Atheo instruido pelos Filosofos, e pela Natureza se deve envergonhar de seu erro.

Se me tocasse a sorte de instruir hum Atheo, não poderia, por certo, recorrer ao cap. 13 do Divino Livro da Sabedoria; por que quem nega a existencia de Deos, não póde dar credito ás vozes do mesmo Deos. A doutrina dos Filosofos deve ser para hum

Atheo a authoridade competente. Eu julgo Cicero não só o primeiro Orador da Antiguidade antes do Christianismo, mas o primeiro, e o maior de todos os Filosofos: (queira Deos, que eu antes da minha morte possa dar, em hum livro que componho, que he huma analyse universal das obras deste grande homem, demonstrada esta verdade!) Seja pois Cicero o que instrua Mirabeau, ou Diderot. No Livro 2.º da Natureza Divina num. 37, diz assim este prodigio da especie humana: — Se houvesse homens nascidos, e educados debaixo da terra, os quaes tivessem habitado aquelles illustres, e magnificos edificios ornados de emblemas, de pinturas, e de toda aquella magnificencia, com que se sonhão bemaventuradas as sombras dos mortos, que sem sahirem á superficie da terra lhes tivesse chegado a fama da existencia de hum Numen; se estes homens, abrindo-se aquelles tenebrosos claustros, sahissem a pizar a superficie deste globo, certo he, que vendo en-

causa deste movimento tão essencial ao Mundo corporeo? Tem, por ventura, a materia, por sua faculdade essencial, a propriedade de se mover? Não, certamente; porque se o movimento fosse propriedade essencial da materia, esta materia por si mesma não poderia existir sem movimento; nem nós a poderiamos conceber inerte. Nós conhecemos os corpos indifferentes ao movimento, e ao repouso. Se algum corpo se move conhecemos sempre necessario algum impulso exterior, que o determina; este impulso exterior, que determina a materia ao movimento, não póde ser o primeiro, e original principio de seu movimento, se se não deriva de huma causa superior á mesma materia, isto he, de hum principio extrinseco, e immaterial, author, arbitro, e regedor de seus movimentos, e das suas combinações. Fingir o acaso como principio daquelle prodigioso movimento, que communica a ordem, e a fecundidade á Natureza, he o mesmo que delirar. Que

cousa he este acaso? Eu desafio toda a Seita encyclopedista a me dar huma adequada definição desta idéa. He huma palavra vazia de sentido. A materia certamente se move, nós o vemos. O movimento não he propriedade essencial da materia, a qual de sua natureza he inerte; logo, ha huma causa, que communica o movimento: esta causa não póde ser materia, não póde ser corpo; porque nenhum ser inerte póde communicar movimento, nem póde dar o que não possue; logo, o principio do movimento deve ser incorporeo, e immaterial. Mas este principio incorporeo immaterial, que causa o movimento da materia, não póde ser o acaso cego, porque do cego acaso não se póde deduzir a ordem, e a perfeição: ordem, e perfeição, que admiramos nos innumeraveis córpos, de que he composta a grande máquina do Mundo. Estes córpos, que se movem, guardão em seus movimentos huma direcção admiravel, e constante. O astronomo, o naturalista só

espanta quando observa estas leis, e contempla estes periodos admiraveis, nos quaes opéra, e se propaga a Natureza. Logo, a causa do movimento não he effeito do acaso; mas nasce de huma livre determinação, que sustém o Universo. Qual será pois o Ser livre, author, e moderrdor da materia? Qual será a causa da perfeição da grande máquina do Mundo? Certamente deve ser superior á ordem, á belleza, á actividade, á perfeição de todos os outros Seres. Se delle, como de primeira causa, se derivão as propriedades, de que vão compostos os Seres existentes, eis o Atheo neste ponto obrigado a confessar a existencia de Deos. Volva, e revolva, quanto quizer, suas idéas, não poderá fugir de assignalar a primeira causa do movimento; e assignalando esta primeira causa, não póde conceber em sua alma mais que a idéa de hum Ser perfeitissimo, que dá vida aos outros Seres; que nada tem de commum com o Mundo; que he superior, e arbitro das

cousas do Mundo: Ser incorporeo, eterno, necessario, potentissimo, sapientissimo; e que sendo causa de tudo, não póde ser na sua existencia effeito de nenhuma outra causa. Não poderá o Atheo deixar de conceder-me, que estas idéas, derivadas da reflexão sobre a Natureza, são conformes, e concordão com o dogma catholico apoiado até na razão, que nos diz, que da belleza admiravel das creaturas se tira o argumento da grandeza do Creador.

O Ente pensador na terra, ainda que cercado de prodigios, que a huma voz, e em toda a parte lhe dão o glorioso testemunho de hum Deos Creador, com tudo, pela assiduidade quotidiana, com que se familiarisa com as maravilhas da Natureza, e pelo costume de ver sempre as mesmas cousas, empregando sem reflexão os sentidos, de tal maneira permanece obstupefacto, que de ordinario se torna incapaz de admiração, e indolente até ao ponto de deixar de indagar a causa, e a preciosidade da

quellas mesmas cousas, que lhe cahem debaixo do exame dos proprios olhos. Tal era a profunda reflexão de Cicero. Mas, se este Atheo, empenhado das proprias paixões a negar a existencia de Deos, reclamasse huma vez só a prostituida razão, e a obrigasse a lançar a vista para tantos portentos, que para sua vantagem, e prazer a cada instante opéra, e produz a Natureza, por certo se veria obrigado a admirar, e a lembrar-se de huma causa de todos aquelles acontecimentos, que não póde deixar de ver em torno de si. E por ventura poderá considerar todos estes prodigios como effeitos de huma casual combinação? Em tal caso será elle obrigado a perguntar-se: Qual foi a origem, o motivo primeiro desta combinação? Quando começou seu primeiro effeito? Se elle fosse hum bom Filosofo, saberia usar das leis da mecanica para explicar, e expôr os fenómenos da Natureza já formada; mas estas leis não lhe pódem dar huma idéa da formação em si. Esta forma-

ção he superior a todas as forças, e a todas as leis do mecanismo; e por huma conclusão necessaria he o Atheo obrigado a admirar hum Artifice infinitamente poderoso, e sabio, o qual com hum magisterio, que excede toda a virtude, e toda a lei por nós conhecida em a Natureza, formou esta prodigiosa máquina do Universo, e a sujeitou áquelle systema de movimento, e de operação, com que maravilhosamente se conserva.

O Filosofo verdadeiro não erra, quando diz, que por hum simples acto da vontade do Creador se agitão os Ceos, existe, e roda sobre seus eixos a Terra; quando diz, amestrado pelos oraculos das Escrituras, que Deos creára tudo com sapiencia; que á sua palavra são obsequiosos, e obedientes os seculos; que, sendo como he justo o Arquitector do Universo, tudo ha disposto com justiça, e bondade; e que finalmente se confirma em sua crença com a linguagem da Natureza, e com os discursos da razão.

§. XV.

Contradicçoens d'Helvecio, e de Rousseau sobre a existencia de Deos.

Deos no Universo, diz Helvecio, não introduzio mais, que hum unico principio para tudo o que passou, para o que he presente, e deverá ser para o futuro; e este principio não he mais, que hum necessario desenvolvimento. Disse á materia: Eu te communico a força, e de repente os elementos ficárão sujeitos ás leis do movimento; mas estes elementos incertos, e confusos nos desertos do espaço formárão milhares, e milhares de uniões monstruosas, e produzírão innumeraveis cáhos, até que se constituírão depois em equilibrio, e naquella ordem fysica, com que ao presente se suppõe disposto o Universo. Eu aprendo de Helvecio, que com effeito existe Deos, e que he este a primeira causa do Universo; que delle recebêrão o moto os elemen-

tos immoveis; que por este movimento se operou, e formou a Natureza: mas quanto me assombro de ouvir dizer a Helvecio, que este Deos, que pode dar movimento á materia, não lhe soube dar lei, e direcção? Pasmo de ver como a materia inerte, e indifferente ao movimento, e ao reponso haja devido sujeitar-se a Deos recebendo leis do movimento; e como depois de se haver sujeitado, andára errante pelo espaço, demorando-se tanto tempo em se organizar, como reluctante ao mesmo Deos. Admittir hum Deos, que dá lei á Natureza, e depois querer huma Natureza errante, e incerta, não he isto huma ridicula contradicção? Para que se finge este homem hum Deos, que dá lei á Natureza, e depois imagina huma Natureza, que depois de hum primeiro desenvolvimento continúa a ser errante, accusando de imperfeição, e de impotencia o mesmo Deos, que a move? Já que Helvecio não pódia negar hum Deos author da força dos elementos, porque mo-

tivo procura tornar tão tardos os elementos em obedecer áquella força, que lhes foi communicada por aquella primeira causa, que elle chama Deos? A arte de confundir sempre foi qualidade propria dos Encyclopedistas. Helvecio queria com taes idéas fazer receber dos homens aquella sua tão venerada opinião de Epicuro, que o Mundo fora formado depois de infinitos choques, e casuaes ajuntamentos das errantes particulas da materia. Com tudo, Helvecio admitte ao menos a Deos author destes choques, e casuaes encontros da materia. Hum homem, que depois de haver confessado huma verdade se esforça pela obscurecer, dá sempre huma prova do estudo, e desejo, que tem a malicia humana de insultar a razão. Parecerá mais apto para instruir os ostentadores do Atheismo o Author de Emilio: assoalha-se por homem verdadeiro; e se dermos credito a huma sua carta escrita a Beaumont, que parece ser dictada pela modestia, nella leremos as

seguintes expressões: — Os meus inimigos procurárão insultar-me com suas costumadas injurias; porém não me privárão da honra de ser hum homem veridico em todas as cousas, e de ser o unico author, que neste seculo, e em muitos outros haja escrito de boa fé. — Ouçamos pois como falla de Deos: — Eu creio, diz elle, que o Mundo he governado por huma vontade poderosa, e sábia; eu o vejo, ou mais depressa, eu o sinto, e esta he a unica cousa, que me importa saber. — Tudo isto, diz o Doutor de Genebra, depois de ter com muita clareza, e eloquencia demonstrado a existencia de Deos, tanto pelo fenómeno do movimento, como pela maravilhosa disposição do Universo. He verdade que, depois de haver confessado esta vontade sábia, que governa o Universo, accrescenta, que pouco lhe importa saber, se este Mundo seja eterno, ou creado, ou se seja hum, ou sejão muitos os principios das cousas, e de que natureza sejão: desta maneira tão so-

brio escritor contradiz a verdade confessada, querendo ser o unico de seu seculo, e de muitos outros. Admittir a Deos, e duvidar, se o Mundo seja eterno; confessar a existencia de Deos, e duvidar, se sejão hum, ou muitos os principios das cousas, significa o mesmo que dizer, e contradizer, provar, e negar ao mesmo tempo. Eis-aqui o valor, que se póde dar á sua inculcada veracidade. E devem ser estes os mestres do Mundo? Pódem-se louvar os talentos deste Escritor; mas deve-se temer muito mais sua peçonha, e malicia. Este homem, com toda a sua eloquencia, vendeo suas opiniões aos ignorantes, escóndeo suas contradicções aos apaixonados, e dedicou sua Filosofia aos viciosos.

§. XVI.

A idéa de Deos nam póde ser o resultado das preoccupaçoens da educaçam.

Eu não quero dirigir a impuras fontes os adeptos da moderna Filosofia; seu espirito facilmente se confunde. Admirão em alguns livros o que não entendem, ou não entendem o que mostrão admirar em alguns livros. O livro mais douto, que pódem ler, he o Mundo. O sentimento unanime de todos os póvos, para quem quer ser Filosofo, deve obter o merito, e a precedencia da verdade. Ora, todos os póvos do Mundo tiverão alguma idéa de Deos. Toda a nação, que se unio em sociedade, reconheceo sempre huma Divindade, ainda que concebida de diversas maneiras. He inutil a objecção, que se tira das relações de alguns viajantes, que dizem haver encontrado póvos verdadeiramente Atheos: pois es-

tes viajantes, passando pelos paizes do Mundo com aquella sua costumada rapidez, não conhecião (como acontece) nem os costumes, nem a linguagem daquelles póvos, que reputavão Atheos; só porque entre elles não descobrião symbolo algum de Divindade. Mas he sabido já, que outros viajantes mais observadores, e menos rápidos achárão entre aquelles póvos a idéa da Religião, e de hum Ser Divino definido de hum modo admiravel. Com effeito assim aconteceo pelo que pertence a Otaiti: os primeiros Inglezes, que aportárão nesta Ilha, não descobrírão idéa alguma de Religião; mas os que tornárão depois reconhecêrão huma figura de dous Genios, hum delles chamado o principio bom, outro o principio máo; e no meio destes dous Genios observárão a figura de hum círculo, que encerrava em si o symbolo, por elles dito o pai dos dous Genios, a quem chamavão *Icoa*: e perguntando-se-lhe a razão, porque o não representavão em huma

figura, respondêrão, que se não podia definir. A idéa de Deos he commum a todos os homens do Mundo; esta crença tem sido geral, apesar da diversidade dos climas, dos costumes, e dos habitos, e até das differentes opiniões; que reinão entre diversos, e distantes póvos; e por isto vemos, que he a mesma Natureza quem dicta aos homens a idéa da Divindade, e que para a inspirar basta unicamente a luz da reflexão humana. Quem chega a proferir esta proposição — Não ha Deos — está frenetico, não usa da reflexão, não escuta a linguagem da Natureza ouvida até pelos póvos mais barbaros do Universo.

Tal vez, dizem alguns Encyclopedistas, tal vez que a idéa de Deos seja em os homens, não hum effeito da Natureza, mas huma das preoccupações da educação. Tal he a linguagem dos Sofismas do tempo! Mas eu respondo, que neste ponto não se póde achar a educação em todos uniforme, como não he uniforme em todos os outros

pontos: e accrescento, que a natureza humana foi sempre a mésma em todos os tempos, em todos os lugares; e por isto a crença de Deos existio em todos os seculos, como ainda hoje existe em todos os climas, e entre póvos diversissimos em costumes. Este dogma não tem passado de huns póvos a outros póvos, de huma nação a outra, porque se encontra sempre uniforme, sempre o mesmo, ainda em póvos, que nunca tiverão entre si a minima relação. Ora, se o juizo concorde de muitos homens sobre hum determinado ponto não he hum signal de verdade, qué outro signal poderemos nós ter para distinguir a evidencia da opinião? Mas, que motivo empenha tanto estes sabios Massonicos em o Atheismo? Unicamente hum interesse de paixão. Querem, que não haja Deos, para livrarem o homem dos remorsos, para o habilitarem a obrar, conforme seus caprichos, sem temor. Mas a desgraça dos Atheos he terem por contrario o sentimento de todos

os homens; porque todos os homens, havendo sempre crido a existencia de Deos, offerecem hum argumento invencivel quando confessão, e conhecem, que ha Deos pelo sentimento, ou pressentimento da Natureza. Nem se póde dizer, que as paixões dos homens inventassem este dogma; por que então seria preciso dizer, que os homens por suas paixões tinhão ideado hum dogma, que reprime as mesmas paixões. He verdade, que os póvos se hão fingido Divindades, e que tem errado em estranhos ritos de superstição, servindo ás proprias paixões: mas o mesmo Polyteismo era, e he huma sincera confissão do íntimo sentimento dos póvos sobre a existencia da Divindade; e ainda que errassem tanto, e fossem tão vários em a definir, por isso mesmo eu posso dizer, que a noção de hum Deos passou sempre atravez das sombras da Idolatria. Basta que vejamos este principio admittido pelo sentimento da Natureza, que o Mundo tem necessariamente hum

author de sua existencia; hum Arbitro, e Moderador Soberano: e se os homens o não tem sabido definir promptamente, isto mesmo he huma prova de sua incomprehensibilidade.

§. XVII.

Se se tirasse a idéa de Deos, o homem ficaria sem estimulo para a virtude, e a Sociedade se encheria de desgraçados, e inundaria de desordens.

Seja-me licito entrar em exame com hum Atheo, interrogando-o sobre o sentimento da propria consciencia. Eu posso assim apostrofar Vanini, ou Diderot. Dize-me, se acaso tens tranquilla a razão, e em equilibrio as paixões; dize-me, não sentes em ti mesmo ou gosto, ou estimação da virtude? Se es capaz de fazer bem alguma

vez aos teus semelhantes á custa da tua propria utilidade, e de teu particular interesse, não te aplaude a tua mesma consciencia? E se te acontece fazeres-lhes mal, ainda que deste mal te resulte algum bem, não sentes esta mesma consciencia, que como severa te condemna? Não experimentas o castigo, que te dá esta consciencia em o pungente remorso? Ora, dize-me, pódes crer, que esta disposição seja hum effeito da materia? Quem te inspira, ou quem imprimio em tua alma tão bello dictame? Se Deos não he seu author, tu não poderás comprehender como se haja em ti produzido. Adverte, que este sentimento tem huma extrema força de lei sobre o homem assizado; e he preciso que experimente huma grande violencia, se o quizer supprimir. Subsiste sempre em nós, máo grado nossas paixões. Despoja-te, se pódes, de hum tal sentimento, ver-te-has abandonado ao simples instincto, como são os brutos. Miseravel sociedade, se abun-

dasse em taes homens! Não teria mais, que cobardes egoistas, que considerassem seus semelhantes como Seres, de quem devião tirar o melhor partido possivel por meio de huma impenetravel hypocrisia. Tal sociedade infestada de egoistas, que houvessem renunciado a esta lei da consciencia, não poderia em caso algum subsistir; o Atheo tiraria partido de todos sem ser util a nenhum. O modesto, o inerme, o virtuoso gemerião debaixo da feroz indiscrição do que tem força de fazer emmudecer este brado interno. Suppõe-te em hum momento de não sentires satisfação alguma em fazer bem aos outros, ou de não experimentares o mais leve remorso em lhes causar damno; que pódes esperar, e merecer da Sociedade? De que empreza te julgas capaz? Que beneficio, ou que serviço poderás fazer á Patria? Se te escondes, es hum hypocrita; se te descobres, e manifestas, es hum deshumano: quem te conhece, te considera como hum monstro; quem te

estima, engana-se; quem te ama, he trahido; quem te teme, tem razão: teu mesmo sentimento te convence destas verdades. Qualquer homem, que pensasse como tu pensas, seria para ti hum objecto de desconfiança, e de terror. Que cousa seria huma sociedade de homens, que não obedecessem áquella sapientissima lei da consciencia, dictada immediatamente pelo Creador? Considera como serião infelizes os homens condemnados a viver com taes homens! Pasma, e aprende de huma vez a ser grato ao Author de tua existencia. Elle te deo huma consciencia, isto he, huma lei interior, que te prescreve o bem moral, isto he, a virtude, que te véda o mal moral, que vem a ser o vicio, e o crime. Esta tão sábia lei não póde, por certo, ser produzida pelo acaso; tu es devedor della unicamente a Deos. Esta lei une os homens em sociedade, fórma a base de sua segurança, e ventura. Por esta lei interior es defendido dos outros, e os outros vivem seguros

de ti. Tira a idéa da existencia de Deos, de Deos legislador, remunerador, e vingador, e verás, que o sentimento da virtude não governa. Verás o homem hypocrita, que só faz bem aos outros quando espera recompensa, ou aplauso, e que deixa de lhes fazer mal quando teme, ou deshonra, ou vingança. Se este homem não he dominado nem de esperança, nem de temor, será tenaz em suas vantagens sem curar dos outros; será ladrão, e oppressor, se o ocio o invadir, ou se a ferociaade o dominar. Dirás, que sem o temor, ou a esperança, que a idéa de Deos lhe desperta na alma, excluida a hypothese de alcançar dos homens recompensa pela virtude, e vingança, ou castigo pelo vicio, este homem poderá ser virtuoso unicamente pela interna satisfação da virtude. Mas, onde se vírão já mais homens desta tempera? Sabemos, por experiencia, que os máos no Mundo fôrmão o maior numero, e que de ordinario a virtude he desprezada, perseguida, e

aviltada. Confesso, que seria hum grande Filosofo aquelle, que sem nenhum interesse quizesse ser virtuoso só pela satisfação de o ser, e pela recompensa do interno testemunho da consciencia; porém tambem confesso, que he mui difficil encontrar Filosofos deste caracter. Este Filosofo seria para mim hum objecto de compaixão; vêl-lo envolto em sua virtude, mas escarnecido, e oppresso, sem conforto, porque não quer levantar aos Ceos seus gemidos; pór que não crê, que Deos o veja, e que Deos exista! Què tristissimo objecto! Abandonado dos homens, que lhe são ingratos; destituido da idéa de Deos, que para elle não existe; angustiado por internas amarguras, que não tem nem remedio, nem reparo: eis-aqui, digo eu, ó verdadeiro retrato da desesperação. Ver-se-ha obrigado este infeliz a aborrecer, e detestar sua propria existencia; e será para elle o suicidio o ultimo recurso. Eis-aqui a condição de hum Atheo, victima de huma virtude ca-

prichosa, austera, e ideal. Infeliz sociedade humana, se fora animada de tão horrendos systemas! A virtude he do interesse de todo o genero humano; e a idéa de Deos he a unica, que a faz nascer, e que a desenvolve no coração do homem. Deos estampou no coração humano as leis fundamentaes da virtude. A remuneração, e a vingança são motivos potentissimos para tornarem o homem virtuoso. Tire se a idéa de Deos, desvanece-se a virtude, perde o genero humano seu interesse, e a sociedade se arruina. Sei, por experiencia, que o Atheismo he commum a homens depravados pelo orgulho, e sensualidade. O Atheismo realizou, e consummou a ruina dos estados, e de mui longe lh'a preparou.

§. XVIII.

Confessa o Filosofismo a existencia de Deos; mas nega-lhe a providencia, para permanecer livre em suas desordens.

Quando o Atheo se sente, a seu pezar, convencido da existencia de Deos, espanta se com esta para elle importuna verdade, e não póde achar outro recurso para supprimir seus remorsos, e dar huma nova energia á sua decantada liberdade, mais que fingir-se hum Deos inoperoso, e indolente, ou, quando muito, Regedor da Natureza; mas não Juiz das acções humanas, e indifferente a respeito da conducta dos mortaes, generoso sem exigir servidão, e muito grande sem pretender adorações. Envolto nesta caliginosa nuvem de erros, busca o Atheo convencido subtrahir-se á vista deste Deos, e isentar-se aos golpes vingadores de sua Justiça. Mas, apezar de

suas quiméras, o Incredulo se vê obrigado não só a confessar hum Deos existente, mas a sentir os effeitos desta necessaria existencia. Quer o Incredulo os Deoses ociosos de Epicuro, a alma do Mundo dos Estoicos, a substancia extensa, e pensante, ou intelligente, a quem o profundo Espinosa chama Deos. Quereria submetter-se, sugeitar-se a estas Divindades. Indisposto a abraçar a virtude, que lhe dá a esperança da recompensa, sempre prompto para o vicio, que lhe causa remorso, e lhe faz temer o castigo, quereria, que Deos não existisse; mas, devendo existir, deseja ao menos que fosse tal, que não podesse delle esperar nem recompensa, nem castigo. Mas a Natureza, a razão, e a evidencia concorrem para a demonstração de huma verdade, que vem a ser consecutiva á idéa de hum Deos author, e senhor da Natureza, e que he como o resultado daquelles attributos, que competem a este Ser perfeitissimo: a sua Providencia, Providencia sem

cuja ordem não se move nem huma só folha de arvore; nem brota huma só flor no prado; nem vive hum só insecto, ou náda hum peixe na vastissima extensão dos mares. Providencia, de cujos acenos pende a calma, e a tempestade; a cujo governo estão sugeitos os thronos, e as choupanas; a cujo imperio obedecem os Ceos, e a terra. Provindencia, a cujos olhos nada se esconde, pois tudo vê; a cujas mãos nada he impossivel, pois tudo opéra; a cuja mente nada he impenetravel, pois tudo entende.

Se he huma verdade conspicua, e luminosa a existencia de Deos creador do Mundo, seria huma enorme inconsequencia não admittir huma Providencia, que governe, e dirija o mesmo Mundo; porque assim como sua infinita grandeza em nada se degradou creando-o, não he cousa indigna de hum Deos conservar a mesma obra, a quem dera o ser. Bastou hum acto de sua vontade para dar existencia ao que a não tinha, e não tem necessidade de maior esforço pa-

ra manter, e conservar tudo na mesma ordem, em que o estabelecêra. As mesmas razões, que provão a necessidade de huma primeira causa, provão igualmente, que sua primeira acção ainda subsiste. Se foi necessario hum Ser intelligente para imprimir o movimento a esta máquina do Universo, he tambem necessario este Ser intelligente para a conservar. Todos os Seres são contingentes; nem tem podido começar a existencia, se não por hum acto de livre vontade do Creador, e perseverão igualmente em virtude desta mesma vontade. Todo o Mundo depende do mesmo poder, que lhe deo a existencia: logo, Deos conserva com sua plena liberdade os Seres, que livremente tirára do seio do nada: esta conservação he acção da sua Providencia: e quem não sente, e não vê esta acção perseverante, e maravilhosa na constancia da ordem do Universo? Todos os córpos estão sugeitos ás mesmas leis geraes do movimento; todas as especies dos Seres

são sempre invariaveis; todos os individuos de huma mesma especie são sempre formados sobre hum mesmo modello; todos conservão o mesmo instincto, o mesmo espirito, as mesmas propensões, as mesmas necessidades. Nenhuma cousa se altera, ou se decompõe no curso da Natureza. A ordem fysica, a ordem moral subsistem desde o momento da creação: logo, huma unica, e constante intelligencia he a que formou hum tão vasto complexo de cousas, e que preside á sua conservação.

§. XIX.

A conservaçam da ordem fysica he o grande argumento da Providencia.

A perpetua successão das gerações regulares nos Seres viventes em sua indefinita variedade, identidade de especie, e uniformidade dos individuos de huma mesma es-

pecie, nos dão o mais forte, e luminoso argumento da Providencia. Qualquer que seja o systema, que o estudioso Naturalista abrace sobre a maneira com que se faz huma tal reproducção, he para elle hum contínuo prodigio, qualquer que seja o aspecto, em que a considere. Eu não disputarei, se todos os germens forão creados animaes, e incluidos no primeiro individuo de cada especie; ou se Deos cria successivamente estes germens, e os anima quando lhes dá a existencia; prescindo de tão curiosas questões: basta-me admirar aquella Providencia omnipotente, que conserva a virtude productora concedida aos Seres viventes; virtude, que se não estanca, não se muda, não se desvia já mais de seu modello, ou archetypo, que em sua primeira origem lhe delineára o Creador. Se tudo quanto acontece no Universo fosse dirigido por fortuitos encontros, ou concurrencias, e abandonado ao acaso, seria com effeito impossivel, que houvesse durado, e permanecido

por seis mil annos; nem estariamos certos de sua duração ulterior por mais alguns momentos. Nada poderia ser constante, e duradouro em a progressão de huma máquina, cujos elementos existissem em opposição contínua. Sei, que os Encyclopedistas se oppõem a esta minha proposição, que reduz a seis mil annos a duração do Mundo desde a época da creação. Estes Encyclopedistas, para derramar dúvidas, e obscuridade sobre o primeiro livro do Mundo, sonhárão huma preexistencia do Universo, que combate a época de Moysés. Porém eu peço a estes genios tão vastos, e eruditos, que produzão hum monumento, que não só anteceda a época de Moysés, mas que com ella possa datar. Dos monumentos, que extrahimos do Pentateuco, conhecemos as primeiras populações dos paizes; o estabelecimento das nações; o nascimento das artes; a origem dos costumes; da disciplina militar; da policia; e da Religião. Com estes monumentos acha-

mos sempre firme, e universal a tradição de hum primeiro homem, de quem se deriva toda a especie humana. Lucrecio, o Atomista Lucrecio, provocava ha dezenove seculos os seus adversarios a lhe provarem, como podesse o Mundo subsistir, sem ter huma origem. Se o Ceo, e a Terra existirão sempre, porque nos falta a Historia? Como he possivel que os Poetas não hajão contado a mais pequena cousa além da guerra de Troia, ou da expedição de Thebas? Tenho lido as ridiculas antiguidades dos Chins postas em campo para obscurecer a Chronologia de Moysés. O célebre *De Prades* fez a collecção destas venerandas antigualhas, escritas em hum idioma, em huns caracteres que elle, e outros eruditos confessão não entender. Publicou-se huma famosa These, que continha estas duas proposições: — Que *De Prades* não sabia a Historia da China, e que quando a soubesse, della não poderia tirar partido algum para obscurecer, e destruir a Chro-

nologia Moysaca. Wiston, e com especialidade o incredulo *Freret*, muito versado na Historia, e idioma Chinez, e além disto mui erudito Astronomo, provão os palmares erros, que se encontrão naquellas suppostas antiguidades, a respeito dos eclipses, e outras conjuncções celestes notadas em seus Annaes: além disto dizem, que esta desmedida extensão de annos descoberta nos mesmos annaes, he totalmente imaginaria, não sendo mais que o resultado de periodos Astronomicos, inventados para determinar a conjuncção dos Planetas em certas constellações. O mesmo Freret, versadissimo nesta parte de érudição, mostra com evidencia em suas memorias apresentadas á Academia de París, que havendo sido os fundadores daquella Monarquia Yao, e Chuna, os reinados destes dous Soberanos acabárão mil novecentos e noventa e hum annos antes da Era Christã. Ora, neste principio não só não excedem, mas nem chegão a igualar as épocas da crea-

ção, e do Diluvio, indicadas por Moysés. O famoso *Couplet*, na Prefação da Taboa Chronologica da Monarquia dos Chins, affirma, que aquelle povo assignala a creação do Ceo, e da Terra, do homem, e da mulher, em certos, e indicados tempos conhecidos. Esta historia he envolta em fabulosas sombras, atraz das quaes rompe algum raio de verdade, que offerece huma prova de ter sido tecida com as luzes, e conhecimentos do Genesis, o que sempre ou mais, ou menos, se vio apparecer no corpo das tradições, ou historias fabulosas dos outros póvos. Nenhum erudito contestou até agora esta observação: só os renovadores destes nossos dias, que ignorando as antigas objecções as reproduzírão, e as poserão em campo, como hum novo descobrimento. Bastava para lhes tributarem homenagens, e lhes darem valor, que com ellas podessem obscurecer, ou pôr em dúvida aquelle unico livro, que sendo o primeiro do Mundo, e o Codice da Religião,

subministra ao homem de sizo hum triunfal monumento da Divindade da Religião, e fórma por si só, e para todos os seculos, o mais precioso testemunho de sua propria Divindade, e hum visivel signal daquella Providencia, que se interessa em aproximar, e avisinhar o homem a Deos, e em fazer chegar ao conhecimento desta nobre, racionavel, e excelsa creatura os decretos, e os arcanos da Divindade.

Mas, eu vejo que me engolfei em huma extemporanea digressão: o meu intento era expôr as provas da Providencia, primeiro effeito dos attributos de Deos; expuz, como argumento principal, a nunca interrompida lei da Natureza na virtude productora dos Seres em sua particular especie. Ha seis mil annos, que se conhece a existencia do Universo, e temos visto a Natureza sugeita a huma lei impreterivel, que assim como não póde ser impressa, se não por huma primeira causa intelligente, não póde ser successivamente conservada, se não

pela mesma primeira causa. Procurei pois não deixar fugir a calumniosa opposição, que á época da creação do Mundo tem feito os Encyclopedistas.

§. XX.

Se Deos conserva a ordem fysica, he indubitavel, que vigie sobre a ordem moral.

Se Deos, como vemos, conserva o Mundo na ordem fysica, porque duvidaremos admittir como consequencia desta operação a conservação da ordem moral? Se a sua Providencia se emprega em reger a materia inerte, e indifferente, não deixará de dirigir os Seres animaes, e livres. O homem tem o espirito dotado de intelligencia, de actividade, e de liberdade; para conduzir este homem não são precisas causas fysicas, que forçosamente o condusão sem participação, e sem conhecimento; bastão

motivos, que persuadão a razão; bastão as leis moraes. O homem sente dentro em si mesmo estas leis. Ama a verdade, compraz-se da virtude, e aborrece o vicio. Se Deos, pelo que respeita á materia, he author das leis fysicas, que a movem, e a tornão fecunda, e productora, he a respeito do homem author das leis moraes, pelas quaes póde operar segundo sua livre escolha; e por isto mesmo Deos vigia sobre a conservação, e applicação destas leis, assim como vigia sobre as leis fysicas do Universo. Affirmar, que ha huma Providencia na ordem moral, he o mesmo que affirmar, que Deos conhece as nossas acções; que as tem em conta; que nos impõe, que nos intíma deveres; e que a elles nos obriga por meio das penas, e dos premios. Se Deos não he indifferente a respeito dos Seres animaes, muito menos o será a respeito dos Entes racionaes. Se Deos não he indifferente sobre o estado moral do homem, isto he, sobre suas acções, a quem

tem prescripto, e intimado huma lei, não lhe será, por certo, indifferente, que este homem abrace, observe, despreze, ou quebrante esta lei; abençoe, ou blasfeme seu Creador; faça bem a seu semelhante, ou lhe dê a morte; conserve, ou destrua sua existencia.

Se interrogardes a Revelação, ella vos dirá: Que Deos considera nossos passos; que descobre os movimentos de nosso coração; os conselhos, e os mais íntimos affectos de nossa alma; que tem constituidos em suas mãos nossos destinos. A mesma Revelação vos dirá: Que Deos deixa ás disputas do homem curioso as vicissitudes do Mundo; que escarnece os soberbos designios, ou intentos dos mortaes; que despreza os conselhos dos Principes; que move, como lhe apraz, o coração dos Reinantes. Por isto vemos, que as idéas sobrenaturaes não existem em contradicção com as idéas naturaes.

§. XXI.

Todas as Naçoens conhecêram huma Providencia Divina; e daqui nascêram todas as primeiras idéas de Religiam, que ligáram os póvos.

O dogma da Providencia foi sempre como hum artigo de Fé para todo o genero humano, e daqui vem a Religião natural. Em todos os lugares, em todos os tempos os homens tributárão de diversas maneiras alguma adoração á Divindade: signal, que todos os homens tiverão sempre confiança no poder, e na attenção vigilante do Creador. E não he huma verdade demonstrada pela experiencia, que sentimos em nós hum natural instincto de levantar os olhos ao Ceo em nossas necessidades, e em nossas angustias? O mesmo insensato, que com suas blasfemias contradiz, e insulta a Providencia, quando se vê ferido, e oppresso

do mal, invoca inadvertidamente aquelle mesmo Deos, que não quer conhecer. Este he o testemunho de huma alma naturalmente Christã. A Filosofia do tempo não se esquece jámais de assoalhar, que procura tornar o homem feliz; mas sempre em contradicção comsigo mesma, com o pretexto de o purgar de preoccupações, o despoja do sentimento commum, afugenta-lhe todo o conforto, anniquila-lhe toda a consolação, tirando-lhe a idéa da Religião. Que ha de dizer para seu conforto o homem afflicto, que oppresso da má fortuna, envolto em desgraças, vê que se desvanecem todos os seus projectos, e que da mais prospera condição se vê repentinamente sepultado no abysmo do infortunio? Este homem terá de culpar o Fado, se se irar, e se for tolerante deverá dobrar a cerviz debaixo das imperiosas leis do alto Destino. Mas, que cousa he este Fado, que desconcerta, e transtorna os designios dos homens? Que cousa he este alto Destino, a

quem o homem sabio se conforma? Que recursos póde tirar de sua virtude, virtude sem confiança, sem galardão, e sem esteio? Fazer conceber ao homem a idéa de hum Deos sem Providencia; que não cura do homem; que não entende; que não preside ás vicissitudes humanas, he o mesmo, que propôr hum Deos sem amor, sem benevolencia, e sem justiça. Se assim fosse, não seria Deos; e sua existencia seria para nós cousa indifferente. Com que titulo lhe consagraria o homem suas adorações? A Providencia he hum objecto de consolação para os bons, he a causa de terror para os máos, he a base da virtude para o homem de razão. O homem virtuoso, que conhece, que Deos preside aos acontecimentos humanos lhe he grato, quando são prosperos, e se reconhece culpado, quando os sente adversos. Sente no primeiro caso amor, e conformidade no segundo. O scelerado, que o crê legislador, e vingador, se horrorisa com o pensamento do delicto,

que intenta commetter, e treme com a amarga lembrança de o haver commettido. O sabio, que considera huma lei esculpida em seu coração pelo author de sua existencia, se considera responsavel por sua observancia, ou infracção. O amor da verdadade, o prazer da virtude, a que se sente inclinado, lhe servem de estimulo para não contradizer os clamores de ambas. Por isto devemos dizer, que o dogma da Providencia he o vinculo da sociedade. Com esta Providencia são felizes os bons, tremem os máos, e se conserva a virtude: logo, o incredulo he inimigo da sociedade; porque he naturalmente inimigo do mais suave vinculo, que a sustenta, e dos bens fundamentaes, que a conservão. Se se adoptassem as suas maximas, teriamos huma sociedade de homens indifferentes para o bem, e sem freio que os suspendesse. Teriamos homens infelizes nas desventuras; vingativos nos ultrajes; tristissimos nas miserias; desesperados na oppressão; te-

merarios na injustiça; francos no delicto; imperturbaveis quando se lhes apresentasse a occasião de commetter o crime, e de abraçar o mal. Estes homens considerarião as leis como freios da ferocidade, e não como moderadoras da ordem. O medo do castigo lhes faria observar as leis, nunca a razão os sugeitaria a seu jugo: em huma palavra, o homem com estas maximas seria irreligioso, irracional, e não melhor que os brutos. Miseravel sociedade, se fosse infestada destes Filosofos!

A Revelação descobrindo ao homem esta verdade, que se elle existe, vive, e se move, o deve à Providencia, e ao amor daquelle Deos, que o sustenta, sente em si huma razão de confiança. Se Deos me conduz, e rege, se Deos me sustenta, nada me faltará. O miseravel, confrontando-se com aquelle, que julga ditoso, não desanima, nem sente atear-se-lhe o furor no peito, quando se lhe apresenta o grande, e diz em seu coração: Se eu sei, que Deos

dirige os homens na terra, e governa os póvos com equidade, que são iguaes obras da sua mão o pequeno, e o grande, terá de ambos o mesmo cuidado.

§. XXII.

Muitos concedem a existencia de Deos; mas desprezam a Religiam, com que se adora o mesmo Deos, julgando-a ideada pela Politica, e nam inspirada pela Natureza.

Admittir hum Deos, que dá o Ser, e a lei ao Universo; que com seu poder o sustenta; com sua sapiencia o dirige; que vigia sobre os acontecimentos humanos; e depois não amar, nem adorar este Deos, seria o mais louco de todos os erros, e a mais clara, e manifesta contradicção, em que poderia cahir a razão humana. A Religião nasce da Natureza, Deos a imprimio

no coração do homem, e lhe depositou as provas em o sentimento; Deos a identificou com a mesma humanidade. Todos, sem terem necessidade de grande apparato de sciencia, sentem, como por instincto, que ha hum Deos Creader, e conservador de todas as cousas; o homem, levado desta invencivel inclinação, o invoca como seu Pai, seu Juiz, seu Bemfeitor, e lhe attribue a eternidade, o poder, a bondade, a sapiencia, e a justiça. Eis-aqui as idéas primitivas da Religião, nascidas da necessaria relação entre Deos, e o homem, e dictadas pelo mesmo instincto da Natureza. Eu não posso deixar de considerar a Deòs como Pai, e como causa primeira, e original da minha ventura; a Natureza, que me inspira o reconhecimento aos beneficios, que recebo, não me deixará ser insensivel a respeito de Deos. Sinto a todos os instantes a necessidade de sua Providencia, e a todos os instantes experimento seus effeitos; eis a fonte donde nasce em mim o amor, e a

confiança. A consciencia m'o propõe como author de huma lei, que sinto em mim mesmo; a consciencia m'o faz temer como Juiz. A virtude, que eu vejo tão oppressa no Mundo, envia aos Ceos seus gemidos por natural instincto, e implora deste incorruptivel remunerador o ressarcimento, e a recompensa. De taes idéas da Divindade, que o homem naturalmente nutre, nascem o respeito, o amor, o reconhecimento, e a confiança. Esta he a Religião natural; quem não prova, e experimenta taes sentimentos, he inhumano, e irracional. E não será digno do homem, e não será justo o documento da Fé, que lhe manda amar seu Deos, adorallo, e servillo com os pensamentos, e desejos de toda a sua alma, com os affectos de seu coração, e com todas as suas obras? Deos tem cuidado dos que o amão, e os defende; pelo contrario serão aviltados, e jazerão em hum estado de morte aquelles, que o não amão. Póde acontecer algumas vezes, que sejão magni-

ficados entre os homens os inimigos de Deos; que viva seu nome registrado nos annaes da Terra: mas sua grandeza será huma abominação aos olhos do Immortal.

§. XXIII.

O dictame da Natureza inspira a Religiam; he inhumano aquelle, que o regeita.

Disse, que quem não conserva no coração sentimentos de Religião, he inhumano, porque se oppõe ao direito natural. Segundo a sã Filosofia, o direito natural resulta de tudo aquillo, que he conforme á vontade geral de todos os homens: e houve, por ventura, vontade mais geral em todos os homens, em todos os tempos, em toda a parte da Terra, do que a vontade de dar hum culto ao Author da Natureza? Eu não o provarei com a inutil exposição do sentimento de todas as Nações, donde resulta,

e se faz escutar huma clara voz da Natureza: repetirei hum eximio testemunho de Plutarco, que disputava contra hum Filosofo Epicureo. Se tu, diz elle, correres a Terra, acharás talvez cidades sem muralhas, sem letras, sem Rei, sem riquezas, sem theatros, sem escolas; mas huma cidade sem Templo, e sem Deos; que não usa de preces, juramentos, oraculos; que não offereça holocaustos para alcançar beneficios, e remover desgraças; eis-aqui o que ninguem achou até agora, nem achará. Julgo, que he mais facil levantar-se huma cidade sem terreno, em que se edifique, que existir huma cidade sem a persuasão da existencia de Deos. — Basta o testemunho deste assisado Historiador, e Filosofo, para podermos dizer: Que o instincto da Natureza suggere a idéa da Religião; e que discorre sempre contra os dictames da Natureza quem a nega.

Mas a Natureza, diz hum Encyclopedista, he igual em todos os Seres; se a Natu-

reza inspira o sentimento de Religião, tambem o devemos divisar nos brutos: por isto devemos concluir, que a Religião he hum erro, e que os brutos são os Seres mais ditosos, que os homens. Sim, lhe torno eu, por isso mesmo que a Natureza não deo o menor indicio do sentimento de Religião em o animal bruto, seja qual for a sua especie, devemos concluir, que a Religião he hum caracter distinctivo do homem; huma propriedade da razão; hum effeito da intelligencia; pois se não póde conceder aos brutos nem razão, nem intelligencia. Esta objecção serve para provar a excellencia do homem, e o mecanismo dos animaes. A Revelação ensina, que he privativa do homem a capacidade de conhecer a Deos. Todas as creaturas tiverão existencia para servir o homem, tudo se sugeitou ao poder deste nobre habitador da terra: quantos animaes vivem em sua superficie, quantos se agitão na região dos ares, quantos correm o fluido elemen-

to, todos forão creados para serviço do homem. O Altissimo dirige sua voz a este homem, e o ameaça, quando para servir suas paixões se avilta até á condição dos brutos, que não tem entendimento, nem razão.

§. XXIV.

Se a Religiam fosse hum invento da Politica, como querem os Encyclopedistas, ainda nesta hypothese seriam inimigos da Sociedade.

Diderot (se he o Author do Systema da Natureza) deriva toda a moral, e toda a Religião de hum projecto de Politica. Neste famoso livro os homens são definidos Entes infelices, ignorantes, e avezados a tremer, amoldados ao genio, e caracter das Divindades; e que por huma louca credulidade recebem, e acreditão aquellas, que o

Fanatismo, e a Impostura lhe annuncião:
Com estas expressões quer dar a entender,
que a Religião he huma quiméra. Á vista
disto he preciso degradar todo o genero
humano; porque só se póde dizer, que acceita
a Religião por ignorancia, e por fraqueza.
Isto he o mesmo que dizer, que o
Author do Systema da Natureza só teve
luzes, e talentos, e que estes faltárão a toda
a especie humana, e que elle só sabe
mais, que todas as Nações do Mundo: eu
poderia fazer este Dilema: — Ou Diderot
só conhece a verdade, e todos os homens
existem no erro: ou se todos os homens,
com igual sentimento, não se podião enganar,
então só Diderot se engana. — No mesmo
livro aprendem os Filosofantes, que a
Religião em algum sentido se deve chamar
necessaria. Em huma sociedade civilisada,
e estabelecida se multiplicão sempre as necessidades,
e se oppõem entre si os interesses:
neste caso são os homens obrigados a
recorrer a governos, a leis, e a cultos pú-

blicos, e systemas de Religião, unicamente para manter a concordia: eis-aqui o meio porque a moral, e a politica se achão unidas á Religião. Eis-aqui como do mesmo centro do erro transluz algumas vezes a verdade. Do mesmo Systema da Natureza se collige, que para a concordia da sociedade he necessario hum culto público; hum systema uniforme de Religião. Serão pois inimigos da concordia da sociedade todos aquelles, que tolerando-a não admittem hum exercicio público, abolindo aquelle systema uniforme, que tanto interessa a união dos espiritos, e a unidade do principio, de que depende a concordia da sociedade humana. Se eu admitto esta doutrina, ainda tiro outra consequencia em favor da Religião. Se a voz da necessidade pública, o concerto dos interesses particulares em huma sociedade, exigem huma Religião como hum recurso, de que os homens lancem mão para sua tranquillidade, e segurança, deste principio concluo, que o im-

perio da natureza humana quer huma Religião, e que a Religião he indispensavel, porque se descobre fundada sobre os mesmos interesses do homem. Assim como o homem não póde despojar-se do sentimento de suas necessidades, assim tambem não se póde alienar do homem o sentimento da Religião. Logo, huma sociedade sem Religião não póde subsistir. A consequencia he clara; e he igualmente claro, que quem he inimigo da Religião he opposto, e contrario ao bem do homem, e he inimigo dos interesses da sociedade. O espirito, ou intenção desta Religião vem a ser: Que o homem se persuada, e creia, que existe debaixo do dominio de hum Deos; que ande sempre em sua presença; que o julgue testemunha, e Juiz de suas proprias acções. He da intenção desta Religião, que se obedeça ás Postestades terrenas como se obedece a Deos; e que se obedeça, não com hypocrisia por temor, mas como filho por consciencia. He da intenção desta Reli-

gião, que todos prestem a seus semelhantes quanto se lhes deve, honra, soccorro, e benevolencia; que se tema a Deos; que se tema o Rei; que se honre a Deos; e que se honrem os Reinantes.

§. XXV.

He hum pensamento louco crer, que a Religiam nasce do temor.

De outras armas se valem os Encyclopedistas para desacreditarem a origem da Religião. Ensinão aos simplices, que sendo o homem por natureza timido, e ignorante dos fenómenos, que observa em o quadro do Universo, vendo lampejar, e serpear os raios pelos ares, ao primeiro estrepito dos trovões, invocou aquella causa incognita, que o ameaçava. Nos fragmentos de Petronio, adulador de Nero, lerão primeiro os

adeptos do Filosofismo está tão preconisada idéa: — O temor foi a primeira causa, que introduzio no Mundo os Numes, quando os homens virão, que dos altos Ceos se precipitavão os raios. — Primeiro que Petronio o havia dito Lucrecio: — Que a ignorancia das causas obrigára os homens a submetter o Mundo ao Imperio dos Numes, e attribuir a hum Deos aquellas obras, cuja primeira causa se ignora. — Não posso comprehender de que maneira seja entre os homens o temor, a origem, e fonte da Religião! Pelo contrario, eu estou persuadido, que he a Religião quem sabiamente torna os homens timoratos. Hum homem Religioso teme hum Deos vingador; logo, não seria do interesse das paixões idear-se hum Deos Supremo, que castiga os excessos. Parece-me, que o temor deveria ser a fonte da impiedade. Os viciosos, empenhando-se em conculcar todas as leis da Natureza para satisfazerem a propria vontade, sentem-se noite, e dia agitados do remorso.

Para elles hum Deos Author da Natureza, e vingador da infracção, e violação de suas leis, he huma idéa muito molesta, e atormentadora; e para se subtrahirem a esta espinha, que mui vivamente os punge, e dilacéra, se esforção por desterrar a idéa de Deos, e da Religião. Logo, o temor não foi a causa; mas sim o effeito da Religião. Este temor he a ordinaria fonte da impiedade, e da malicia naquelles, que não querem Religião para viverem libertinos. Se tanto vale para Diderot a authoridade de Marco Tullio, escute Marco Tullio. A Natureza lhe inspirou a idéa da Divindade, e d'hum culto para a adorar. Entre os homens, diz Cicero, não houve gente, ou nação de tal maneira barbara, e féra, que ignorasse que se devia honrar a Divindade, ainda que com effeito não soubesse qual devia reconhecer, e venerar; e o consenso unanime, e constante de todas as nações deve considerar-se como a voz da Natureza. Devo pois dizer, que o homem por

lei da mesma Natureza he religioso, e não por temor, ou por vileza.

Se a Religião inspira o temor, eu devo chamar feliz aquelle homem, que teme, já que a Revelação nos ensina, que o temor de Deos he o principio da verdadeira sapiencia. Eis-aqui porque o homem religioso abomina o delicto mais do que a morte, e afronta impavido a mesma morte para não ser delinquente. Heróes deste caracter não nascem da Filosofia.

§. XXVI.

Se admittissemos, que a malicia dos Reinantes promovêra o espirito de Religiam, isto bastaria para accusar de immoralidade os seus inimigos.

Não faltão Filosofantes d'outra especie, que com os annaes da Historia na mão se ufanão de ter, mais que os outros, descoberto

a occulta origem da Religião. A Politica, dizem elles com Toland, a astucia dos Principes, e a crueldade dos Despotas inventárão a Religião. Abri os olhos, exclamão elles; os Tyrannos, que vos subjugárão para vos fazer escravos de séu Throno, são os mesmos, que enganárão o entendimento com os fantasmas da Divindade, e com as preoccupações do *Bigotismo* Religioso. Começão com o exemplo de Numa Pompilio em Roma.—Subindo ao throno vio, que os Romanos avezados á guerra, entre combates, e estragos, se havião tornado por extremo barbaros, e ferozes. Roma estava cheia de aventureiros, que se aproveitavão do pretexto das armas para commetterem todas as injustiças. Numa conheceo, que a grandeza, ornamento, e felicidade de Roma, dependião de duas couzas, que se devião estabelecer: a primeira, huma sincera piedade para com os Numes, que faz que os homens os considerem com respeito, e gratidão como authores, e con-

servadores de todo o bem; a segunda, o zelo da Justiça, com a qual goze cada hum em paz aquelles favores, que recebesse de suas mãos. Ninguem contesta esta verdade, que as duas bases de todo o governo prudente, e o compendio de todos os deveres para quem exercita a authoridade consistem em dar a Deos o que lhe he devido, e aos homens o que lhes compete. Empenhando-se pois Numa em abolir o furor, e a injustiça, e em formar de Roma o mais pacifico estado, renovou os ritos, e os sacrificios, que havião cahido em desuso, e esquecimento. Levantou hum Templo a Jano, instituio Sacerdotes, e Ministros, Pontifices, e Vestaes; instituio alguns mysterios, e ritos supersticiosos, e falsos. Para dar credito a suas ordenações, e força a suas leis, espalhou a fama de sua communicação com a Nynfa Egeria, cousa que já havião feito Minos, e Lycurgo, e depois praticou tambem Scipião Africano. Estes grandes Politicos sabião, que a idéa da Di-

vindade estava profundamente impressa no coração humano, e que lhe era accessoria a idéa do respeito, e da submissão. Seu fim era pois fazer dobrar sob o jugo da razão, e da Lei os espiritos indomitos. Para isto julgavão licito, usando de sagacidade, e de impostura, valer-se da authoridade dos Deoses, e cobrir-se com o manto de seu nome, como de hum meio valioso, efficaz para com o povo; mas ignoravão, e lhes convinha ignorar, que o engano, e a mentira erão contrarios ao respeito devido á Divindade.— Concedo aos Encyclopedistas o que lêrão em Tito Livio, que Numa se servio da Religião para civilisar os Romanos. Que se segue daqui? Concluirei acaso, que a Religião he hum invento da Politica? Engana-se o Filosofismo. He preciso confessar, que a Politica teve sempre grande interesse em que a Religião occupasse o espirito humano: com este freio se tornou o Legislador inviolavel, e inviolaveis suas leis. Quando huma imprudente coragem

animasse hum membro da sociedade, e o instigasse a afrontar as ameaças, e as armas dos que lhe são superiores, lembrandose que ha Numes, a quem he presente o justo, e o injusto, se suspenderia em suas desordens. Bayle, apezar de seu reflectido scepticismo, desmente em seu Diccionario a impostura dos Filosofantes que assoalhão, que a Religião fora hum invento dos Reinantes. Merecem ser registradas aqui as palavras deste homem tão acreditado na República dos Filosofos da recente data.— Se o que dizem os impios fosse verdade, como he falsissimo, que não he mais a Religião que huma pura invenção humana, que os Soberanos estabelecêrão para conservar os póvos debaixo do jugo da obediencia, tambem seria preciso confessar, que os mesmos Principes cahirião primeiro na rede, que tinhão estendido para colher os póvos; porque longe de os fazer a Religião senhores dos vassallos, os tornaria sugeitos ao povo, sendo-lhes preciso não seguir a

Religião, que julgassem melhor, mas a que o povo abraçasse; de outra sorte vacillaria a coroa.— He verdade, que alguns Legisladores se servirão da Religião como de hum meio poderoso para conduzir os homens segundo as miras de seu particular interesse. A consultação dos Oraculos; a appellação aos livros Sibilinos; as interpetrações dos Augures, e dos Aruspices, erão estratagemas inventados para vantagem da Republica Romana, a fim de dar pezo com a authoridade Divina ás deliberações tomadas sobre a guerra, ou sobre a paz. Mas, que póde tudo isto provar na causa do Filosofismo? Que a Religião fora huma invenção dos homens? Não. Prova sim, que os homens tiverão a astucia de abusar dos principios da Religião para conduzir a seu talante os póvos, nos quaes preexistia hum natural sentimento da Religião, póvos, nos quaes fazia huma forte impressão o temor da Divindade; e a Politica algumas vezes soube abusar desta impressão, que nos co-

rações humanos he tão natural como forte. De tudo isto podemos concluir, que nem Numa Pompilio, nem Minos, nem Lycurgo, nem Scipião Africano, nem outros muitos podião ser os authores do sentimento de Religião na especie humana; poderião sim com o zelo desta mesma Religião docilizar os homens mais feros, organizar felizmente a sociedade, e tornar formidaveis as Nações. Se o zelo de proteger Religiões quimericas pode subministrar aos Legisladores tanto poder, e tanta gloria sobre as Nações domadas; que não poderião alcançar com o zelo de sustentar a verdadeira? Oh! quanto são impoliticos os contradictores da Religião! E com tudo são os mesmos, que accusando a Politica por authora da Religião, são obrigados a confessar, que o sentimento da Religião tem sustentado, e engrandecido as Repúblicas mais conspicuas. São pois os adeptos do Filosofismo os inimigos mais feros da República, em quanto são os mais desassizados adversarios daquella Religião, que a sustenta.

§. XXVII.

Sendo a Religiam hum instincto da Natureza, he necessario tornallo externo com signaes sensiveis.

Conhecendo eu que a Religião he fundada sobre as relações essenciaes entre Deos, e o homem, entre o homem, e seus semelhantes, e sobre o instincto da Natureza; conhecendo outrosim, que he no homem huma consequencia natural do amor de si mesmo o honrar quem o protege, e amar quem lhe faz bem; concluo que daqui nasce o culto, e o culto naturalmente externo. Os sentimentos de respeito, de amor, de submissão para com o Ente Supremo não se pódem conservar, nem transfundir, se não por meio de signaes sensiveis. O homem, que nasce escravo dos sentidos, e imitador, tem necessidade de lições palpaveis. Todos os Legisladores, todos os Pó-

vos conhecêrão esta necessidade. Não ha prática alguma de culto externo, que não sirva de instrucção ao homem, e que não possa civilisallo mostrando-lhe seus deveres. Esta foi a maxima de todos os tempos, de todos os lugares, de todos os Póvos: Este culto póde ser pervertido pela ignorancia, pelas paixões, pela estupidez; porém nada o póde destruir. Este conceito geral, e constante he o signal mais vivo, de que a Natureza fallára.— Que importa á sociedade, que por meio do culto preencha o homem seus deveres para com Deos? Por ventura por ser Religioso será mais apto, e mais disposto a amar, e a ser util a seus semelhantes? — Tal he a objecção dos Encyclopedistas, que desprezão o culto externo. Mas eu pergunto a estes illustradores do genero humano: Hum homem ingrato para com o seu primeiro bemfeitor; hum rebelde á sua Providencia; hum homem, que por desenfreado amor de liberdade não quer reconhecer huma lei, que

refreia suas paixões; hum homem imbuido destes principios, e destas maximas, terá hum coração mais sensivel, e virtuoso? Se a Religião me ensina, que eu mesmo com os meus semelhantes somos filhos de hum mesmo pai, objectos dos cuidados de huma mesma Providencia, não me dará este sentimento huma lição mais insinuante de humanidade, de beneficencia, de união, e de zelo para com os outros homens? Não ha prática de Religião, não ha dogma revelado, que não encaminhe o homem á prática das virtudes sociaes. Mas, se eu considerasse, como quer Morelet, todos os meus semelhantes como outras tantas producções do acaso, como animaes, entre os quaes me constituio hum cego destino; nesta hypothese, considerando-os como Entes, que só se parecem comigo na figura; Entes, não nascidos das mãos de Deos, nem assignalados com sua imagem, aos quaes nenhuma affeição me deve ligar, poderia eu por isto experimentar, e sentir em

mim huma mais forte razão de os amar, e de os beneficiar? Não, certamente. Logo, quanto mais religioso for, mais sociavel serei, e tanto mais util serei aos outros, quanto mais fortes forem os vinculos, que a elles me unirem. Feliz o Estado, onde a Moral da Revelação tiver lançado profundas raizes! Segundo esta Moral, considerão-se os homens huma só familia; tem commum o pai, a patria, a herança, e o magisterio; amão-se, e se tornão reciprocamente beneficos; e neste amor, nesta beneficencia, não buscão outro testemunho mais do que a Deos, nem querem outra recompensa mais que seu beneplacito. Cômo poderá o homem desprezar outro homem, se o julga seu igual, e seu irmão?

§. XXVIII.

Diderot condemna a inutilidade, e despreza a exterioridade do culto: e diz que a oraçam he hum ignorante insulto á immutabilidade de Deos.

Não se canção os Filosofos do tempo de nos dizer, que o Culto he huma ridicula inutilidade. Deos, dizem elles, não tem necessidade dos nossos respeitos, e muito menos de nossos serviços. He evidente que Deos, que póde dar a existencia, e o ser a quem o não tinha, não tem necessidade daquillo que existe. Mas este Deos, que creou o Universo sem que necessitasse do Universo, constituio o homem em estado de ter necessidade delle, e o formou capaz de deveres, fazendo-o racional, sensivel, reconhecido; e por esta razão, sensibilidade, e reconhecimento o fez capaz de aprender os deveres, que o unem a Deos, e o

tornou susceptivel de huma religião, que o obriga a seguillo, e a executar estes deveres. Se hum amigo, que me enche de beneficios, e não necessita da minha retribuição, não he indifferente á minha sensibilidade; se não obstante a generosidade de meu bemfeitor, que me dispensa dos signaes da minha gratidão, o meu coração arde em desejos de lh'os manifestar, como poderei eu julgar-me izento dos deveres para com Deos, ainda que Deos não tenha necessidade de mim? Minha indolencia, meu silencio, minha inercia na execução destes deveres me torna cobarde, me punge, e remorde, e até repugna a meu mesmo instincto. Os inimigos do culto externo, depois de se haverem inultimente empenhado em o mostrar inutil, e alheio das vantagens da sociedade, procurão escarnecer huma por huma as suas práticas. A oração, por exemplo, he huma contradicção contínua em que cahe, dizem elles, o devoto com prejuizo da verdadeira idéa da

Divindade. Quem óra he pouco Filosofo; o que se pede a Deos não se póde conceder, sem mudar a nosso favor a ordem, e a carreira das cousas naturaes. Para Deos nos conceder huma graça he preciso que Deos se mude, e revogue a nossos rogos os decretos já formados desde a Eternidade: he pois huma loucura querer hum Deos versatil a sabor do homem. Para dissipar o escrupulo destes que, com o pretexto de defender a immutabilidade de Deos, querem tirar ás creaturas intelligentes a confiança, o recurso, e a invocação do mesmo Deos; he preciso instruillos que Deos, por que he essencialmente bom, e necessariamente immudavel, teve desde os dias eternos a vontade de escutar as súpplicas dos homens, e esta mesma eterna vontade entra a todos os instantes na ordem da sua Providencia. Logo, Deos não obra sempre milagres, nem contradiz seus eternos decretos, quando quer escutar o homem, que o exora. Quando Deos deo huma lei

geral á Natureza, conheceo *ab æterno* as particulares circunstancias do homem a cujo serviço era creada a Natureza, e previo desde logo as rogativas, as necessidades, e regulou, ou interrompeo, ou modificou como lhe aprouve as leis: e todos estes accidentes, que aos olhos do homem parecem ser do instante actual, na vontade de Deos existem na ordem eterna. Riem-se os Incredulos, quando o enfermo roga por sua saude; o navegante, para que socegue o temporal; o agricultor, para que as chuvas se derramem propicias em seus campos, ou porque o Ceo sereno se mostre risonho á maturidade de suas searas. Taes mudanças não pódem acontecer a arbitrio do devoto. A doença, a tempestade, as sêccas, as chuvas, são effeitos necessarios das causas fysicas, cuja carreira, e ordem he immudavel. Mas eu lhes perguntarei, se não he Deos quem preside ás causas fysicas? Se sabem até que ponto a acção immediata de Deos influa nos fenómenos naturaes? A primeira

verdade he certa, e a devem confessar os mesmos Filosofos. Deos he a causa de todas as cousas; o que elles não sabem, e o que nenhum Filosofo saberá jámais, he até que ponto influe esta causa nos fenómenos da Natureza. Acaso julgão, que Deos depois de haver formado o Mundo o tenha deixado progredir por si só a arbitrio de seu material mecanismo! Os Ceos, e a Terra estão em suas mãos: serve-se da Natureza para que sua Justiça triunfe alguma vez dos ímpios, ou para que resplandeça sua Misericordia em beneficio, e soccorro dos bons. Deos póde modificar, sem nós o conhecermos, a acção, com que influe em a Natureza, e póde servir-se de toda a cessação de intemperie, e de desastres para remunerar a fé de seus servos; e longe de ser isto huma violação da lei imposta á Natureza, entra na carreira ordinaria de sua Providencia. Mas, se Deos deve escutar nossos rogos, he preciso provar, que Deos conhece nossos pensamentos: e quem póde

comprehender, dizem os Novadores, a maneira com que Deos penetra os pensamentos do homem? Este quesito he tão temerario, como ridiculo. Pergunto a estes apologistas da Natureza, como poderião explicar a maneira, porque a imagem de hum objecto pintado na retina do olho póde penetrar até ao cerebro pela sinuosidade do nervo optico? E como possa daqui resultar em nossa alma a idéa do objecto? Elles sentem esta impressão, e a acreditão, ainda que a não possão comprehender ou explicar. Eu conheço, que a intelligencia Divina he infinita: se Deos póde dar-me tanta intelligencia nas cousas naturaes, não terá elle intelligencia bastante para conhecer meu espirito? Poderei eu conhecer, e entender, sem ser conhecido, e entendido daquelle, que me deo a intelligencia, e o conhecimento? Eu tenho huma consciencia, que a mim mesmo me falla; e esta me intima huma lei, pela qual aborreço o vicio, e prézo a virtude. Quem escreveo no

coração esta lei, não terá huma voz, com que me estimule á sua observancia? Não terá olhos para me ver, e julgar, se eu a transgredir? E se Deos faz em mim escutar a sua voz, não poderei eu fazer escutar a minha voz a Deos? Interrogue o homem sua mesma consciencia, e á vista de suas obras injustas, escutará huma voz, que o aterre: a seu pezar sentirá sempre o scelerado o testemunho de hum Juiz invisivel, cujos olhos penetrantissimos não poderá illudir. Desde o momento, em que começa a escutar esta voz, se lhe torna inutil o perguntar, e mui vão o saber como talvez se dirija, e se conduza. Se Deos falla ao coração, Deos dirige o coração.

§. XXIX.

Nam se póde condemnar o culto externo, sem despojar o homem da liberdade da Natureza, e sem defraudar a sociedade da maior vantagem.

Declama-se contra o culto público como supersticioso ; e o que mais admira he escutar esta linguagem a quem se inculca Religioso, e Filosofo, porque admitte a existencia de Deos, e se lhe reconhece devedor de sua propria existencia. Basta ser justo, dizem estes á crédula simplicidade dos idiotas; e para dar valor á sua maxima, e cobrir sua Religião com o véo da justiça, ostentão zelo de humanidade; compaixão á vista das miserias estranhas; liberalidade em as soccorrer; escrupulo de offender, e fazer damno aos direitos alheios. Com esta superficial justiça inteiramente humana, e muitas vezes apparente em público, e fugi-

tiva em segredo, julgão licito banir toda a prática exterior de Religião. O reconhecimento, o amor, o respeito, que o homem deve a Deos, são fecundos em affectos, e accendem na creatura por natural instincto os desejos de os manifestar. Estes affectos ou sentimentos religiosos são absolutamente por si hum vinculo de sociedade. Por elles se confirma o homem no amor de seus semelhantes; na fidelidade dos contratos; no soccorro dos indigentes; na submissão ás leis; no respeito ás authoridades. Como se poderião communicar estes sentimentos religiosos, como se perpetuarião, se não fossem excitados, e mantidos por meio de signaes externos? A Religião he imprescriptivel por hum dictame da Natureza, e inalienavel do bem da sociedade. Nós vemos, que os mesmos inimigos da Religião, quando querem segurar-se da fidelidade, e da veracidade de hum homem, exigem delle hum testemunho público de Religião com hum dos mais tremendos actos da mesma

Religião, qual he o juramento. Isto prova, que a Religião, que he só do coração, não he attendida, nem acreditada, pois dominados de incredulidade querem desterrar d'entre os homens o culto externo; e quando se trata de seu privativo interesse, querem o signal externo da Religião. Se ella he tão necessaria á sociedade, como se poderá manter a Religião a beneficio da sociedade, sem os signaes sensiveis, que a fomentão, e manifestão? Não se póde duvidar, que os pensamentos, e os affectos do homem dependem do ministerio dos sentidos; e por isto tem necessidade de signaes sensiveis para excitar a sua alma. Tire-se o culto exterior, a Religião do coração será languida, e ineficaz; e então a sociedade, ou pouca, ou nenhuma vantagem poderá tirar da Religião.

Os sentimentos religiosos de gratidão, e de amor são muito férvidos a respeito do seu objecto para se encarcerarem, e encerrarem dentro do coração humano. Todos

os homens os manifestárão sempre em todos os tempos com a voz, e com santificantes ceremonias, e estes signaes sensiveis despertárão sempre, e propagárão a Religião. Altares, imagens, trofeos, emblemas, e todos os signaes memorativos de Religião, são os modos naturaes, com que desde a infancia do Mundo se explicou o instincto religioso. Os nossos Filosofantes querem abolir estes signaes, reduzindo o genero humano á pura espiritualidade. Quanto são impoliticos! Abandonando a linguagem dos signaes, que fallão á imaginação, se perde o mais energico idioma. A impressão da palavra he sempre debil: Falla-se ao coração pelos olhos muito melhor que pelos ouvidos: dizia Rousseau em hum daquelles accessos da razão, que fazia emmudecer a voz do Filosofismo. Lembra-se do que nos dizem as Escripturas do Poço do juramento, do antigo Carvalho de Mambre, do Monte do testemunho, e de outros lugares, accrescentando: — São estes monumentos

grosseiros; mas não deixão de ser monumentos augustos da santidade dos contratos: ninguem se arriscaria a attentar com mão ímpia contra estes monumentos. A Fé em homens estava mais segura com a fiança destes testemunhos mudos, do que está no dia de hoje com todo o vão rigor das leis.—Esta maxima devia ter valor entre os Filosofantes. Se hum público signal torna a fé segura na sociedade, são impoliticos os que escarnecem a exterioridade do culto, e se mostrão contrarios ao bem da sociedade, querendo-o abolir. Se a Religião he huma verdade, he tambem necessario que se sustente com signaes sensiveis. Se a Religião he util, he do interesse da sociedade sustentalla com signaes externos.

§. XXX.

O costume universal dos Governos offerece a prova de huma necessaria exterioridade, que dê a conhecer a adhesam dos subditos.

Em todas as Historias vemos o ciume sagaz, e próvido dos Governos em estabelecer significantes emblemas para adornar as bandeiras, que devem servir de guia a seus exercitos. Com venerandos symbolos se marcão ou sellão as cartas patentes. Determinão-se as Togas aos Magistrados, e os uniformes tanto aos funccionarios públicos, como aos soldados defensores da Patria. Cada individuo do povo, ou com voluntario zelo, ou por obediencia ás leis, toma o signal, ou distinctivo, que o declare sugeito, e affeiçoado a seu governo, para que o sentimento interior se manifeste por signaes públicos, e patentes. Estas demonstrações

não forão instituidas, nem determinadas pelas leis, se não para augmentar a energia daquelle sagrado patriotismo, que deve animar os vassallos, e os filhos da Patria. Julgou-se sempre fatal a omissão destes ritos públicos. Pouco a pouco se afrôxa, e debilita a idéa do patriotismo, e sem estes signaes muitos se tornarião suspeitos ou de palliada aversão, ou de vil indifferença. Ora, estes meios, que se julgão necessarios para avivar o amor da Patria, provão, que o culto público he necessario para avivar o amor da Religião. Se a Religião, e o amor da Patria são indivisiveis, e inseparaveis por confissão dos mesmos Filosofos, e fórmão o unico vinculo, com que se soccorrem reciprocamente, repito, que se ha funcções, convites, emblemas para reunir os homens, e lembrar-lhes o affecto, que devem á sociedade, deve tambem haver ritos, figuras, e actos públicos para lembrar os deveres, e reunir os animos na Religião. O Filosofo assisado não

deixará de convir, que todos os dogmas da Religião tem huma connexão essencial com a pureza dos costumes; logo, o culto externo sempre he relativo ao dogma, e á expressão que deve influir por necessaria consequencia na ordem pública, no repouso da sociedade, porque concorre para a pureza dos costumes. Á vista destas verdades, por si mesmas demonstradas, eu posso dizer, que quem se atreveo a desprezar, e a querer abolir o culto exterior, he inimigo da ordem pública, e opposto aos bens, e ao repouso da sociedade.

§. XXXI.

Se a exterioridade do Culto occasionou divisoens na sociedade, he culpa da superstiçam ateada pelas paixoens dos homens.

Quem abusou da Religião cahio no erro, na superstição, e no fanatismo; isto he inne-

gavel : e pelo mesmo motivo que, quem abusou do Poder Legislativo ideou leis perniciosas; quem abusou da Moral fez nascer os delictos; quem abusou da authoridade fez nascer o despotismo; tambem quem abusou da razão fez nascer os erros no Mundo. Isto quer dizer, que as paixões humanas, as quaes abusão de tudo, maculárão muitas vezes as cousas mais santas: não se deve pois criminar a Religião por causa da malicia dos que della abusárão, assim como não póde, e nem se deve chamar funesto o Poder Legislativo, porque houve leis injustas; nem oppressiva a authoridade, porque tem sido a fonte de muitas injustiças; nem se devem chamar perniciosas a Religião, e a Moral, porque com a primeira se tem authorisado delictos, e com a segunda se tem canonisado alguns erros. Para usarmos bem da razão devemos dizer, que Deos author, e objecto da Religião em o homem, para impedir que elle convertesse em damno proprio o que lhe

devia produzir felicidade, assim como ensinou desde o momento da creação os dogmas, da mesma maneira ensinou o culto, com que os homens o devião honrar. He cousa perigosa deixar huma instrucção tão importante nas mãos dos caprichos, e da imaginação dos homens. Deos inspirou os sacrificios, offertas, orações, e ceremonias, que podião desde os primeiros pais ir progressivamente perpetuando a memoria da creação, da Providencia, e da vida futura. Esta instrucção era hum deposito, que devia ir passando de geração em geração, e os pais a devião transmittir a seus filhos por huma tradição constante. Os antigos Patriarcas do povo de Deos mais proximos á fonte desta instrucção, erão os Doutores, e os Sacerdotes de suas familias. Quando se começárão a desprezar suas lições, os homens por soberba começárão de se levantar em authores da Religião; e separando-se do verdadeiro culto, transmittírão a seus netos fabulas, e erros. Eis-aqui a o-

rigem de tantos cultos supersticiosos. As paixões humanas gerárão a idolatria. O vicio procurou em todos os tempos constituir-se dominador do coração humano. O homem, por amor proprio, se adulou a si mesmo, nem amou o desengano quando vio, que o desengano prejudicava suas paixões: abusou da natural idéa da Religião para divinisar o vicio, tributando incensos, victimas, e votos aos que tinhão sido mais viciosos. Daqui nascêrão os Cultos extravagantes, obscenos, e inhumanos; que taes devião ser para representarem a idéa da louca Divindade, a quem se referião, e que o homem desassisado se figurava: daquí nasceo o mercenario Sacerdocio, e comico, que os inimigos da Religião expõem muitas vezes em scena com o iniquo intento de confundir o falso com o verdadeiro, e com o desejo de fazer recahir o desprezo, e mofa, que merecem os sectarios das superstições humanas, contra os Ministros da Religião revelada.

§. XXXII.

Ha hum Culto revelado, que tem em si os signaes de huma constante immutabilidade.

O povo, que nós conhecemos depositario da Revelação, e que póde mostrar seu culto immediatamente revelado por Deos, transmittio sempre com fidelidade a seus descendentes os dogmas, e os ritos, que tinha aprendido de Deos. Os cultos das outras nações trazião em si o caracter, ou sello dos vicios, e das paixões nacionaes. A impostura ou a Politica accommodava os actos da Religião ao vicio do paiz, á natureza do clima, e ás circunstancias dos governos. Mas o rito dos antigos Patriarcas era superior a todos os respeitos humanos. Fosse qual fosse a maneira do governo do povo Hebreo, ou vivesse pacifico em a Palestina, ou escravo no Egypto, ou em Ba-

bylonia, sempre contrario a seus vicios, sempre constante em todo o tempo entre os desastres, e a corrupção universal, se mantinha invariavel em seu culto. Não se alteravão os dogmas; não se variavão os ritos; não se perdião, nem adulteravão os Codices. Este prodigio de Providencia prova, que a sua Religião não era dos homens, mas de Deos. De que presta accusar a Religião de quiméras, e assoalhalla como fonte de contradicções, e disparates, tornando-a desprezivel ao juizo da razão! Houve muitos, e diversos cultos; mas começárão em os homens, mudárão-se com as circunstancias, ou já acabárão com a mudança dos Governos.

Tiverão seu culto os Chins, os Indios, os Egypcios, os Gregos, e os Romanos; e que vestigios nos restão destes cultos? O tempo desmente as invenções dos homens. Houve hum só culto, que começou com o primeiro homem, proseguio em todos os seculos, e em todas as gerações de hum

povo, que mostrou haver recebido este culto das mãos do mesmo Deos. Este Culto dado ao Summo Creador do Ceo, e da Terra, não faltou jámais; e he este o verdadeiro Culto. Reconheçamos nelle a unica, e verdadeira Religião, que he a revelada; todo o outro culto he falso; todo o outro rito he falso, e supersticioso; todo o outro dogma he ideal. Nada póde o tempo contra as obras de Deos. As vicissitudes, os desastres, as guerras, a corrupção geral do genero humano, não poderão destruir este culto; eis-aqui o signal de que não procedêra de invenção humana, mas que descêra immediatamente do seio da Divina Revelação.

§. XXXIII.

Hum culto, que nam he revelado por Deos, nem obriga, nem liga os homens.

Apraz-me o sentimento de Pythagoras com o dos antigos Filosofos Platão, e Socrates, os quaes reconhecêrão a necessidade da Authoridade Divina para fundar huma Religião. O homem, dizem elles, deve reconhecer na Religião o seu primeiro dever, e só da Religião póde aprender a maneira de agradar a Deos. Nem poderia o homem viver certo de que agradava a Deos, se não fosse instruido, e ensinado pela sua mesma palavra. Se hum Theologo Catholico exposesse, e declarasse hum tal sentimento, mereceria, sem dúvida, a indignação Filosofica: e com tudo, o Filosofo se aquieta quando ouve huma verdade Filosofica, e serve-se della como de hum monumento. Ouçamos a lingoagem da escola de

Pythagoras: — He cousa evidente, que o homem deve fazer o que agrada a Deos; mas o homem não póde conhecer o modo, se o não aprender do mesmo Deos (ou dos Genios), sendo illustrado com hum lume sobrenatural.— Esta verdade ainda se torna mais clara com os factos. Que poderão os homens, sustentados com a razão, idear a respeito da Religião, e da Moral? Apenas, folheando a Historia, se chega áquella epoca, em que na divisão das primeiras gentes se apartárão os homens daquella estrada, em que os conservava a Tradição, e a Revelação. Então se encontra o culto exterior contaminado com tudo quanto lhes podia suggerir hum extravagante alvedrio, ou hum entendimento caprichoso. Mudárão-se as cousas de tal maneira, que em lugar da unica, e verdadeira Divindade se constituírão vis creaturas; e aos ritos santos, que devião ser os signaes de hum coração devoto, e innocente, succedêrão acções barbaras, grosseiras, e crueis; e ás maiores

torpezas começárão a encobrir o segredo de seus mysterios: as ceremonias se limitárão a observações ridiculas, e chegou o falso zelo de devoção a banhar os altares de sangue humano. Causárão sempre horror os sacrificios dos Carthaginezes, feitos em honra de Saturno. As mesmas mãis offerecião com as proprias mãos os innocentes filhos. Suffocavão o choro dos tenros meninos, para que não fosse lacrimoso o sacrificio, e menos digna a hostia do Nume, a quem era offerecida; e lançando-os na pyra os fazião consumir das ardentes chammas, esperando que se levantasse o fumo em honra daquella infame, e detestavel Divindade.

Estes ritos erão conhecidos supersticiosos, e de pura invenção humana pelos mesmos Filosofos. Certamente não foi sincera a devoção de Socrates para com Esculapio, quando morrendo mandou, que se lhe offerecesse o sacrificio de hum gallo; nem Cicero se persuadia da verdade divinatoria

dos Augures, quando entrou no seu Collegio: estes, e outros Filosofos tinhão a prudencia de se uniformar á Religião do paiz, e ensinavão que não era licito escarnecella, e desacreditalla. He preciso crer nos deoses, dizia Platão, para obedecer ás leis; mas não se devem ensinar suas fabulas aos mancebos para os não excitar ao delicto. Os inquietos pensadores dos nossos tempos adoptão o systema de educar a mocidade sem lhes fallar de Religião, temendo, dizem elles, que as maximas de doutrina Evangelica não os possão reprimir tanto que cheguem a ponto de não poderem executar grandes, e heroicas emprezas. O pouco que os antigos Filosofos estavão persuadidos da Religião, que a sua Patria adoptava, he bastante para provar, que o verdadeiro culto he só aquelle, que he prescripto por Deos, e não ideado pelos homens. O grande Tullio dizia: — Que a razão he enferma, e que apenas nos concede languidos vislumbres para discernir a verdade, e nós

extinguimos estes mesmos froxos vislumbres por meio de opiniões falsas, costumes depravados, até ao ponto de deixarmos que a mesma luz natural se desvaneça.— Jamblico, que era hum Filosofo Pythagorico, depois de haver ensinado, que se não póde convenientemente fallar dos Deoses, se estes primeiro nos não instruirem, termina o discurso dirigindo a Deos esta rogativa: — Ah! dissipai, Senhor, esta nevoa, que ofusca os olhos de nosso entendimento; para que, como diz Homero, possamos conhecer a Deos, e conhecer o homem.— Platão francamente affirma, que convem esperar que alguem nos venha instruir do modo, com que nos devemos comportar a respeito de Deos, e a respeito dos homens. E, em outro lugar, quer, que se consulte o oraculo sobre tudo o que respeita os sacrificios, e o culto dos Deoses.: — Nós não podemos conhecer cousa alguma sobrenatural; o que podemos fazer he seguir exactamente as decisões dos Oraculos.— O mesmo

Plutarco, dando principio a seu Tratado sobre Isis, e Osiris, diz, que he cousa digna do homem sensato supplicar aos Deoses todos os bens, e sobre tudo pedir-lhes o conhecimento de sua mesma Divindade; porque o entendimento humano não he capaz deste conhecimento, o qual he o maior presente, que os mortaes pódem receber dos Ceos. Daqui podemos concluir, que os mesmos Filosofos do Paganismo exigião hum lume sobrenatural, com que o homem se podesse instruir nas mais sublimes verdades; que a razão por si só não tinha forças bastantes, e que o capricho humano não se devia fingir hum culto com que adorasse, e offerecesse sacrificios á Divindade. O bom tom da moderna Filosofia desterra as idéas sobrenaturaes, e se contenta com as proprias luzes, para não enfastiar os homens com os remorsos, nem impôr hum freio, ou lei importuna, que reprima as desordenadas paixões.

§. XXXIV.

A Moral nam póde ser o dictame da razam só : deve ser huma emanaçam divina de principios immutaveis.

Pouhamos de parte hum momento o que respeita ao verdadeiro culto ; baste por ora ter visto como os mais famosos Filosofos da Antiguidade hajão reconhecido como indispensavel huma luz celeste, e sobrenatural para instruir os homens ; tratemos unicamente da Moral. A razão, que os modernos Filosofos tanto exaltão, como fonte inexhausta da verdade, chegando a dizer, que ella só basta para fazer os homens sabios, e conduzillos pelos caminhos da virtude ; esta razão, digo eu, despojada da Revelação, de quão funestos, e erroneos principios tem sido fecunda matriz ? O que conhece a Historia das nações, o que leo os decantados Codices da Moral, publica-

dos pelos mais célèbres mestres da antiga Filosofia, com facilidade se convence, que he mui debil a rázão humana, e incapaz de conduzir o homem ao perfeito lume da verdade. Os antigos Legisladores, que conhecêrão que o homem author das leis póde errar, e que os outros homens, que lhes devem obedecer, são mui faceis em desconfiar de sua idoneidade, lembrárão-se de corroborar, e sanccionar suas leis com alguma idéa de emanação divina. Para lhes dar o credito de justas, de sábias, de conformes á recta razão, ideárão fazellas derivar dos Numes. Minos se gloriava de haver recebido suas leis do proprio Jove; Numa da boca da Nynfa Egeria; Solon, e Lycurgo se dizião instruidos pelo proprio Apollo. Este facto prova, que o sentimento commum dos homens he não prestar respeito, e obediencia ás leis, quando são dictadas pelo arbitrio humano, e que as não julga justas, se não forem conformes aos principios da lei Divina; e que unicamente

a voz de Deos póde preservar a lei do erro, e da injustiça. A lei da Natureza existe escripta no coração do homem, diz o Filosofo, e não tem necessidade de soccorro algum Divino para ser justo, para ser sabio, e para não errar. Mas eu respondo, que assim como vem de Deos o dictame da lei natural, não se póde negar, que o sentimento de nossa consciencia, que se inclina á virtude, e que abomina, e detesta o vicio, não se derive de hum lume eterno; daqui nasce, que supposta em hum Filosofo tanta virtude, que com ella possa reprimir todas as paixões para escutar a lei natural, sempre se deve dizer, que o homem está obrigado a Deos por justiça. Mas digão-me quaes fossem os mais célebres Legisladores da antiguidade, e os mais decantados mestres da Moral, que não hajão cahido em muito grosseiros erros de principios, e de maximas! *Burigni*, depois de haver investigado com muita sagacidade, e destreza nos escriptos dos Filoso-

fos tudo o que tem dito de bom sobre o dogma, e moral, termina confessando, que não houve huma só escola de Filosofos, que não sustentasse consideraveis erros, e que não existíra hum só entre tão decantados sabios a quem se não possão exprobrar vicios essenciaes. Todos estes grandes homens escutarião, sem dúvida, a lei da Natureza, e o interior dictame da consciencia; e com tudo errárão. Logo, o homem appellando unicamente á lei natural, não conhece bastantemente, nem entende a verdade. Será pois o erro inevitavel? Hum Deos sapientissimo, essencialmente verdadadeiro, e bom, deixará que o homem se reduza a tão misera condição? Não se póde crer. Do que tenho dito se conclue, que he indispensavel huma luz sobrenatural, que ajude a fraqueza humana; que Deos não negára esta luz; que a sua Providencia não podia permittir, que o homem permanecesse envolto em tão espessas sombras.

O homem na Revelação conhece a sua

insufficiencia, e volvendo-se ao que he luz verdadeira, e que illumina todo o Homem, que vem ao Mundo, sente, que a voz de Deos he huma chamma para seu coração, e hum facho accezo diante dos seus olhos, e de seus passos.

§. XXXV.

Expoem-se os erros em que cahíram os mestres da Moral, que nam conhecêram os dictames eternos, e revelados.

Bolingbrocke, acerrimo Deista, he obrigado a confessar: — Que a lei natural fora alterada, e enfraquecida em todos os tempos, e em todos os paizes por huma multidão de leis absurdas, e contradictorias, e por costumes viciosos, os quaes, ainda que independentes das leis, conservavão a mesma força. As leis, e os costumes inventados pela extravagancia humana fórmão hu-

ma densa nevoa, que envolvendo por todos os lados a lei natural; a roubão aos olhos. Rasgão alguns raios, rasgão, e dividem a sombra; mas apenas derramão hum languido, e incerto vislumbre, que os olhos mais penetrantes não pódem distinguir. Huma Moral pois, que se não deriva da lei natural, daquella lei intimada por Deos ao homem por meio da consciencia, e do interno sentimento, nem sustentada por promessas, ou ameaças, nada mais he que huma especulação apparatosa, sem fundamento, sem sancção, sem authoridade, que não póde impôr ao homem, nem obrigação, nem dever algum. Tal foi a Moral dictada por quasi todos os Filosofos. Não considerarei como Filosofos, e Moralistas os Pirronicos, e os Scepticos, que prégavão a indifferença de todas as cousas, e até a incerteza da mesma moral, e de todas as sciencias; doutrina, que destroe a virtude, e os deveres do homem desde os alicerces. Não considerarei como Filosofo a Epicuro,

que fazia consistir o Summo bem no prazer, e que confundia o justo com o util. Epicuro era hum corruptor, não era hum Moralista. Não posso constituir em o numero dos Filosofos os Cynicos, desprezadores da decencia; chegavão a chamar virtude a impudencia; nem se póde imaginar hum inimigo mais insensato da Moral, do que hum Filosofo Cynico. Platão foi grande Filosofo; mas parece que não reconheceo o direito das gentes em não prohibir aos Gregos que se destruissem mutuamente, fazendo-se escravos, e reduzindo a cinzas as proprias habitações: isto mesmo lhes permittio, que praticassem com os barbaros. E acaso deixavão de ser homens por serem barbaros? Dispensa as mulheres de todas as leis da pudicicia, e quer que sejão communs; só chama illicito o incesto entre pais, e filhos; permitte, que se dê a morte a filhos, que nascessem de hum commercio vergonhoso. Aristoteles constitue a rapina, e o assassinio em o numero das differentes

especies de caça, e chama fraqueza á mansidão. Outros louvão a licença estabelecida por Lycurgo em Esparta; houve Filosofos, que não conhecêrão a santidade do matrimonio, e que approvárão o mister das meretrizes. Tambem Cicero, fallando em público, justificou, ou escusou ao menos esta libertinagem. Mas lancemos hum véo por cima destes horrores. Salve-se a justa estimação de homens tão grandes, que ainda mesmo em materia de Religião, e de Moral disserão cousas admiraveis, e sublimes. A origem ou causa de seus erros foi haverem seguido os unicos caminhos da razão, sugeita a ser obscurecida ou pela vaidade, ou pelo furor dos systemas, ou pelo espirito de contradicção, ou pela corrupção funesta do coração humano. Estes motivos ainda subsistem, e são os que em nossos dias obscurecem a razão de tantos, que tem estabelecido, e propagado planos de huma moral arbitraria.

Estes mesmos Filosofos antigos, de que

fallamos, reconhecêrão a necessidade de huma Revelação, quando disserão, que erão muito escassas as luzes da razão natural, e mui necessaria a vóz dos Numes para conduzir o homem á verdade; confessando o mesmo Cicero, que não ha espirito tão penetrante, que possa por si mesmo descobrir as cousas sublimes, e sobrenaturaes. Com tudo isto, jámais quizerão saber os Filosofos antigos, se haveria alguma Revelação, donde havia precedido, e se era verdadeira. Que estranho paradoxo! Aquelles, que nascêrão para a luz, querem antes as trévas, e se esforção com os froxos vislumbres de sua razão por se subtrahirem ao luminoso clarão da verdade! Este he o maior erro dos Filosofos modernos!

§. XXXVI.

Existe hum unico Codice conhecido do Mundo, que contém os principios inspirados da Religiam, e moral dos homens.

Eu posso dizer, que muitas nações conhecêrão livros, que se veneravão como depositos sagrados de verdades divinamente inspiradas. Os Egypcios os conservavão, os Chins os mostravão, e os Arabes os citão ainda hoje. Estes livros se perdêrão, e apenas se conserva delles huma confusa lembrança nas antigas Historias. São célebres os livros, a que os Romanos chamavão sagrados; livros, que Numa Pompilio sepultára em huma urna de pedra ao pé do monte Janiculo. Tito Livio conta quatorze, sete dos quaes erão escriptos no idioma Latino, e tratavão dos direitos Pontificaes; os outros escriptos em Grego continhão

preceitos, ou lições de Filosofia. Estes livros, que forão achados mais de quinhentos annos depois da morte de seu author, que se crê inspirado pela Nynfa Egeria, forão lançados ás chammas por ordem do Senado. Deixárão pois os Romanos perecer os livros Sibylinos, tidos em tanto tempo entre elles como Profeticos, nos quaes estavão escriptos, segundo elles dizião, os Decretos dos Deoses immortaes a respeito do seu Imperio, sem que com tudo houvessem mostrado ao público, não digo eu, hum só volume, mas nem hum só oraculo. Os Hebreos forão os unicos entre todos os póvos, que tanto mais veneravão as santas escripturas, quanto mais erão conhecidas do Mundo. São os Hebreos o unico povo, que conservou os primeiros monumentos de sua Religião, ainda que estes monumentos estivessem cheios, como estão, dos testemunhos de sua infidelidade, e de seus antepassados: e ainda no dia de hoje este mesmo povo permanece na Terra para pu-

tada por mais de oito seculos e meio. Pereceo pois o original de Móysés na conflagração do Templo; mas entre tanto huma quantidade innumeravel de exemplares, e exemplares de toda a authenticidade, se havia espalhado pelas mãos dos Judeos, até divididos, e dispersos entre as outras nações. Nabuco não fez guerra á Religião, como sabemos, e por isto, depois do cativeiro de setenta annos, devia existir dentro, e fóra da Judéa hum numero prodigioso de exemplares extrahidos por cópia do mesmo original de Moysés. E se no meio destes desastres do cativeiro se houvesse introduzido alteração em algum exemplar do novo, ou antigo, facilmente se podia remediar pela grande Synagoga, que se juntára depois da reedificação do Templo de Jerusalem; porque juntando principalmente por meio de Esdras os exemplares de mais conhecida antiguidade, limitou, e corrigio todas aquellas variantes, que nos outros exemplares se poderião ter introdu-

zido. Isto mesmo praticou a Synagoga a respeito dos outros livros divinamente inspirados.

Este Codice, sempre venerado pela nação como hum dom descido do Ceo, e por elle guardado com summo zelo, e providencia, era hum objecto de altissima estimação até para as nações estranhas. Eis-aqui porque se fizerão tantas versões em tão diversas linguas. Entre todas será sempre celebrada, e tida em grande estima por sua authoridade a que se fez, a instancias de Ptolomeo Filadelfo. Todos sabem que este poderoso Monarca julgou não dar o ultimo lustre á sua immensa Bibliotheca, se a não enriquecesse com huma versão dos sagrados Codices. Pedio para este effeito ao Summo Sacerdote Eleázaro huma deputação de homens, que além da lingua patria possuissem com perfeição a Grega para concluir a grande obra. Escolheo Eleázaro como convinha á sua mesma authoridade, e á grandeza do Monarca. Forão determinados

os homens mais doutos da nação, e cumprio-se a obra com toda a attenção, e probidade. Assim o dispôs a Divina Providencia; porque avisinhando-se á época feliz, em que a luz da Revelação se devia derramar pelo Universo, os livros, que annunciavão hum tão grande acontecimento, se achassem não só nas mãos dos Judeos, mas nas mãos dos mesmos Gentios, e sempre em o maximo gráo de authenticidade. He certo, que no tempo dos Macabeos toda a Judéa se vio revolta, e inundada de desgraças. Antioco foi hum assolador, e todos os seus impetos se dirigião contra a Religião, que desejou arrancar pela raiz; mas forão vãos, e infructuosos todos os esforços deste Idolatra. Queimou, he verdade, quantos livros sagrados pode encontrar; mas quantos Judeos, a fim de se subtrahirem á furiosa tempestade, e de conservarem para si, e seus proprios filhos a Religião de seus pais, fugindo para os montes, e para as cavernas, levárão comsigo, como

seu unico remedio e conforto, os sagrados livros! Além dos Codices dos Judeos refugiados nos montes, e nas cavernas da terra, evitárão o furor de Antioco todos aquelles, que fóra da Judéa estavão em poder das outras dez Tribus, e permaneceo igualmente intacta a famosa versão, que se havia feito no tempo de Ptólomeo Filadelfo, que communmente se chama a versão dos Setenta. Quando se acabou a perseguição de Antioco, se fez por mandado de Judas Macabeo aquelle mesmo reconhecimento, e confrontação dos Livros sagrados, que se havia feito pela grande Synagoga, quando se reedificára o Templo: este reconhecimento se fazia; como nos attesta José Hebreo, depois que a Nação se livrava de algum grande desastre, ou cativeiro. Desde a época desgraçada de Antioco, até á promulgação do Evangelho, não passárão os Hebreos por transe algum, que podesse constituir em perigo a authenticidade, e genuinidade dos sagrados livros. Eis-aqui

pois, até pelos factos da Historia, demonstrada a successão dos Livros divinos, e a progressiva conservação de sua legitimidade defendida de todas as vicissitudes humanas. Eis-aqui o Pentatheuco com todos os outros Codices chegando ás mãos dos Christãos com a mesma integridade, com que havião sahido das mãos de seu author Moysés. O cuidado, que os Christãos tiverão sempre em conservar sem alteração estes livros, não foi menos escrupuloso que o dos Hebreos. He tal esta integridade, que sendo os Judeos irreconciliaveis inimigos dos Christãos, nunca os podérão arguir de falta de boa fé nesta materia; e se descobrissem a mais pequena fraude, não deixarião de a publicar, e até exagerar no meio do Mundo.

§. XXXVII.

He conhecida a divindade, e identidade do Codice da Revelaçam. Seus oraculos se devem escutar, e seguir.

Dissipar-se-hão com o que acima digo todas as duvidas dos Encyclopedistas ? Até com as provas da verdade humana se mostra a authenticidade, e identidade dos sagrados Codices, que são o venerando deposito da Revelação. Huma altissima Providencia, ainda mesmo sem milagres, fez chegar ás nossas mãos a sua palavra, para que a razão humana se convencesse que he a mesma, que em todos os seculos foi acreditada, seguida, e venerada. Digão os Encyclopedistas, qual seja o povo, que possa produzir hum mais antigo, mais prodigioso, e mais constante monumento de Religião ? Confesso a verdade, que a qualquer homem erudito deve parecer tediosa a repeti-

da legenda de taes demonstrações; porém mais importuna, e temeraria lhe deverá parecer a sempre repetida cantilena das antigas objecções, que nunca se fartão de transcrever, e produzir os que se dizem zeladores do bom siso. São sempre levados do astuto desejo de as manifestar aos olhos dos simplices para se fazerem admirar, e ter em conta de creadores de novas duvidas, e semeadores de descobertos paradoxos para excitarem em cabeças imperitas a desconfiança, e o descredito da Religião. Posso pois concluir, que unicamente com o lume da razão humana conhecêrão os Sabios, que era necessaria huma Revelação para reconhecer com que culto se devia honrar a Divindade, e porque principios se devião dirigir as operações humanas para se estabelecer hum systema de Moral justo, e seguro. Os monumentos desta Revelação existem, e são indubitaveis em materia de verdade historica. Se as humanas vicissitudes os não podérão destruir, nem mesmo alte-

rar, nisto descobrimos com evidencia huma sobre-humana authoridade. Por estes monumentos de Revelação conhecemos huma Divindade, de quem tem principio, e conservação o Universo; de quem o homem provém, de quem depende, e por quem he sustentado, e dirigido; de quem recebe beneficios, e por quem he punido, quando he culpado. Por estes monumentos da Revelação se aprendem os dogmas, e a moral. Por elles se dirigem nossos actos de hum culto interior, e exterior protestadores de servidão, de amor, e reconhecimento ao Ente Supremo. Quem se aparta destes dictames, quem levanta hum altar, hum culto, ou ensina outros dogmas, e outra moral, este he verdadeiramente supersticioso, fanatico, e Religionario. Quem não segue, professa, e crê o que sempre foi seguido, professado, e crido, he réo de divisão; he autor de partido; perturba a unidade, a ordem, e a tranquillidade. Ora, se em huma sociedade, por confissão dos mais sa-

bios Filosofos, he necessario hum só culto; se o culto público, e igual, he hum vinculo potentissimo para unir os membros da sociedade, e fazellos conspirar nas mesmas maximas; se por este laço de Religião, em todos igual, nasce o sentimento, que nos obriga a considerarmo-nos a nós mesmos em os outros, e reconhecermos a causa de cada hum como a causa de todos; por taes virtudes, admittidas pelos maiores Politicos, e mais imparciaes Filosofos, eu posso dizer, que não merecerá o nome nem de bom Politico, nem de verdadeiro Filosofo o que não amar, nem respeitar o Christianismo, nem sentir interesse em o proteger, e sustentar. Decida o bom siso destas verdades, já que não reconhecem outro Tribunal os Filosofantes do tempo.

§. XXXVIII.

Os inimigos da Revelaçam devem confessar, que tudo o que se tem escripto mais assisado se aprendêra no seio da Religiam.

O que desacredita o precioso deposito dos sagrados livros, que contém a Religião, e a moral revelada, corrobora as antigas blasfemias já desmentidas pela evidencia; isto he, que a razão humana he huma fonte inexhausta de todos os bens; que he huma emanação de Deos; e que, seguindo esta razão, he absolutamente impossivel cahir em erro: que a mesma razão ensina todas as virtudes, e que toda a humana felicidade pende de seus dictames. Mas eu tenho manifestado os grandes erros que em Religião, e moral professárão os mais profundos especuladores da razão humana. Se esta fosse huma luz infallivel, que por si só

felicita os homens, serião iguaes para todos, e em todos os homens os seus dictames, e depois de tantos seculos ter-se-hia formado só com a razão hum Codigo constante, universal, dos deveres do homem para com Deos, para comsigo mesmo, e para com os outros homens; isto só se cumprio exactamente com a Revelação. Mas se os nossos Filosofos souberão descobrir, e demonstrar só com a luz da razão, verdades naturaes relativas á Moral, e á Religião, verdades taes, que pela sua summa coherencia com os pricipios do raciocinio humano tem merecido que se perpetuasse entre os homens o seu conseuso, tambem he preciso dizer, que a Revelação fora a primeira tocha que guiára o raciocinio humano ao conhecimento da verdade. Todos os Filosofos, tanto os destes ultimos tempos, como os dos mais remotos, tem escrito admiraveis cousas, sapientissimas maximas, solidos principios; e ainda que não confessem, que os hajão aprendido no

seio da Religião, em que forão educados, e que depois abandonárão, ao menos não pódem negar que se derivárão do conhecimento historico da Religião que conhecêrão, e que não professárão. O célebre Locke, em seu Christianismo rasoavel, se ri destes achadores de verdades, que sem soccorro da Revelação espalhão entre os homens, fallando de Religião, e de justiça natural dictada pelo puro sentimento da Natureza. Aquelle, diz Locke, que dá passos por longos caminhos, se applaude da propria robustez, que em breve tempo póde correr tão longas vias, e attribue toda a causa de sua sceleridade ás forças de seu temperamento; mas não se lembra das fadigas daquelles que cortárão, e rossárão os bosques; seccárão, ou enxugárão as lagôas; lançárão as pontes, e abrírão as estradas: sem isto cançaria n'hum instante sem poder andar em muito tempo breve caminho. Ha muitas cousas, cuja crença se insinuou desde o berço de tal arte, que

havendo-se tornado familiares as idéas, e como naturaes depois da publicação do Evangelho, nós as consideramos como verdades incontestaveis, faceis em descobrirse, e provar-se com a ultima evidencia, sem advertir, que dellas duvidariamos, ou as ignorariamos por longo tempo, se a Revelação as não tivesse manifestado; e desta sorte muitos são obrigados á Revelação sem o advertirem.— Os atrevidos Escritores deste seculo, que se dizem naturalistas, e que se prézão de haver publicado os mais bellos tratados de Moral, e de possuirem a verdadeira idéa de Deos, e da Religião, tiverão estas primeiras luzes daquelle Cathecismo, que tão soberbamente desprezão. Aprendêrão deste Cathecismo tudo quanto dizem melhor, e provão que fallão com as proprias luzes, quando assoalhão aquelles enormes erros, que tão contrarios são ao siso commum. Os mesmos Filosofos antigos, e tão famosos, e louvados como forão Trimegisto, Thales, Pythagoras, Pla-

tão, e Aristoteles, que tão portentosas cousas disserão em Religião, e em moral, tinhão conhecimento dos livros sagrados que existião nas mãos dos Hebreos, e quanto mais se espalhava, e difundia este povo entre as nações estranhas, mais se derramava, e difundia o conhecimento, e a linguagem da sua Religião. As traducções, que da Sagrada Biblia se fizerão por ordem de Ptolomeo Filadelfo na lingua Grega; a communicação de Salomão com os Egypcios por motivo de seu casamento com a filha do Monarca daquelle Imperio; o commercio, que este Rei sapientissimo teve com o Rei de Tyro, obrigavão os Hebreos a se communicarem com os Estrangeiros. Quantas vezes os Profetas existírão entre os Gentios? Jonas foi mandado aos habitantes de Ninive. Os cativeiros do povo Hebreo entre os póvos Idolatras fizerão espalhar pelo Oriente a noticia de sua Religião, e doutrina: são concordes os doutos no sentimento de que na Theologia fabulo-

sa, e na Religião dos Gentios se achão com frequencia os vestigios da Religião do povo de Deos. Não nos devemos admirar que entre as obras de seus Filosofos se vejão rasgos sublimes de luminosas verdades, que se aproximão muito ás maximas do Christianismo; e he provavel que dos Codigos revelados extrahírão aquelles nobres sentimentos; que transmittírão á posteridade. Logo, não pertence privativamente a estas almas sublimes o descobrimento de importantes verdades. A razão humana não he ainda mesmo nos Filosofos tão clara, que se deva chamar inutil a Revelação, como pretendêrão os Encyclopedistas. Póde dizer-se sem temeridade, que os nossos Codices revelados, espalhados por todos os angulos da Terra, tem illustrado, e illuminado aquelles, que os não conhecião, nem respeitavão: mas a mais insupportavel desventura he ver huma multidão de homens, que educados no Evangelho, delle aprendêrão a justiça, a honestidade, a Religião;

mas; ingratos a tão grande, e sublime magisterio, querem attribuir ao merito da sua razão aquillo que conhecêrão antes de sentirem a mesma razão, e se servem das luzes da Revelação para contradizer, se podessem, esta Revelação, que tanto os tem amestrado, e dirigido. Onde está aqui a razão? Onde está aqui o bom siso? Onde está aqui o homem?

§. XXXIX.

Projecto d'Helvecio em reduzir a Moral a systema, e descobrir verdades que os homens nunca conhecêrão.

Depois que os inimigos da Revelação exhaurírão sem fruto seus esforços para destruirem os dogmas da existencia de Deos, da immortalidade da alma, da Providencia, e de huma Religião revelada; tornárão a proclamar os direitos do ho

mem, e a solapar os alicerces daquella Moral, que a Religião, e o Evangelho lhe tem intimado. Helvecio, mestre célebre dos modernos pensadores, diz na Prefação do sua célebre obra, em que tanto se manifesta seu zelo: — Querer proceder dos effeitos ás causas, he estabelecer huma Moral semelhante a huma Fysica experimental.— Eu não sei se os factos menos provaveis da Historia, e das Novellas sejão capazes de subministrar theorias de huma pura moral. Lamenta os Fanaticos, e Semipoliticos (isto he, os Ministros da Religião) porque tem até agora envolto o Mundo nas sombras da innocencia, bem como em outro tempo foi pelas agoas do diluvio coberto o Universo.— Finge-se, e suppõe-se Helvecio outro Noé, que envia da Arca outra Pomba para explorar a Terra. Assim o timido Filosofo, querendo alumiar o Mundo, procura de quando em quando espalhar alguma verdade, para explorar se existe alguma parte da Terra, que não esteja

cóberta com o diluvio das preoccupações, e se existe alguma Ilha, a que a virtude, e a verdade possão aportar, para se communicarem aos homens, e viverem com elles: como se lhe fosse dada a missão de instruir o genero humano, e livrallo das preoccupações, que por tantos seculos o tem conservado envolto, e sepultado no erro, ameaçando destruir o infame altar, em que tem sido consagradas a ignorancia, e a malicia. Quiz com atrevida, e resoluta mão dissipar o encanto, a que está unido, e ligado o poder dos genios maleficos, e descobrir desta arte a todas as nações os verdadeiros principios da Moral. Hum Escriptor, que declara ignorantes, e enganados todos os homens do Universo, deve ter a moderação de se julgar mais instruido que todos, e todos se devem correr, e envergonhar de verem a verdade como permaneceo por tantos seculos circunscripta em hum só homem!

Começa de inculcar este novo Moralista,

que os principios da Religião a respeito da Moral não pódem convir mais que a hum pequeno número de Christãos espalhados aqui, e alli pela superficie da Terra; que he o mesmo que dizer, que o Direito natural, e a lei eterna de Deos, que são os alicerces, sobre que se funda a Moral do Christianismo, não convém a todo o genero humano. Ouçamos pois este tão grande Filosofo, que se diz destinado a fallar ao Universo. Quaes são pois, segundo elle, os principios da Moral? O prazer, a dor, o interesse, o amor de si mesmo, são as unicas fontes da justiça em o homem. Horacio, Poeta Epicureo, tinha dito esta nova verdade muitos seculos antes d'Helvecio. *Atque ipsa utilitas justi prope mater, et æqui.* Segundo taes principios, he facil figurar-se o homem errante nos bosques como as féras sem lei, e sem relações: se a sensibilidade fysica he a norma de sua moral, he o mesmo que dizer, que o homem não he superior aos brutos, e que além da faculdade

de sentir, não tem outro conhecimento algum, que o faça melhor. Com tal presupposto, que espanta por certo, se póde concluir, que todas as acções em a Natureza são indifferentes; que o torpe, e o honesto, o justo, e o injusto, o virtuoso, e o iniquo, não são distincções reaes, mas idéas quimericas, e caprichosas; nem haverá dúvida em se affirmar, que as leis são unicamente as que dão ás acções humanas a idéa do vicio, e da virtude, do licito, e do illicito. Que bella sociedade seria aquella, em que os homens adoptassem taes principios! Em que cada hum se persuadisse, que era de direito natural obrar o que lhe apraz, e de que lhe possa provir alguma utilidade! Para servir a lei do prazer nenhum o deveria refrear, e para cada hum buscar a propria vantagem não empregaria mais que a propria força. Mas o homem, a quem por particular interesse convém obrigar-se, e ligar-se á sociedade, estabelece pactos, e convenções, que o sugeitão ao dever. O

Justo resulta da fidelidade, e nasce a injustiça da infidelidade ás mesmas convenções: segue-se daqui, que a justiça, e a injustiça são convencionaes, e que he ficticia a idéa do vicio, e da virtude; e que a lei prohibitiva tira, ou ao menos insulta a humana liberdade. Desta lei foi o homem importunamente réo, ella o transforma em iniquo, e violentamente o condemna. O que se diz iniquidade, maldade, são cousas quimericas, que nada mais fazem que mutilar os direitos do homem, e arrancallo dos braços daquella innocencia, em que permaneceria em quanto fosse habitador dos bosques.... Que bellos documentos para tornar virtuosos os Cidadãos! Com estas maximas não só não he concorde a Fé, mas nem a mesma razão.

§. XL.

A Lei tem hum poder Divino em sua origem, e he huma emanaçam de principios eternos.

Creio que aos paradoxos do Encyclopedista Helvecio posso cabalmente responder com a doutrina do portentoso Marco Tullio. Todos os Sabios, diz elle, concordão, que a lei não he huma invensão dos homens, nem huma convenção dos Póvos; mas a Razão eterna, ou a Suprema sapiencia que regé o Universo; que esta lei primitiva, donde se derivão todas as outras, he a intelligencia Divina, que commanda o bem, eprohibe o mal: daqui dimanão as leis, que Deos deo aos homens. As leis humanas não pódem ter por si mesmas a força de nos induzir á virtude, e de nos arrancar do vicio: este poder he mais antigo que as Nações, e que os Imperios, he coeterno ao Artifice Soberano, que governa o Ceo,

e a Terra. Com effeito, Deos he por sua mesma essencia intelligente, e sabio, e a esta perfeição infinita pertence só distinguir o que he bem, e o que he mal. Ainda que no reinado de Tarquinio não houvesse em Roma lei alguma, que prohibisse o estupro, não deixou de peccar seu filho contra a lei eterna, fazendo violencia, ou forçando Lucrecia. Foi rebelde á recta razão, e á voz da Natureza, que inspirão horror ao vicio, e amor á virtude; lei, que não teve principio quando foi escripta, mas que he tão antiga como a intelligencia Divina. A verdadeira lei, a lei primitiva, a origem de todas as outras he a mesma razão de hum Deos Soberano.— Com estas eloquentissimas expressões me convenço, que a idéa do vicio, e da virtude não he huma invenção humana, e que não he huma quimera a distincção do bem, e do mal, do justo, e do injusto: que as leis positivas são huma participação da lei eterna inseparavel de hum Deos Juiz primeiro, e fonte

daquella Moral, que todos os homens sentem esculpida em seu coração. Sempre conheci, que o grande Cicero era mais douto que Helvecio, e que Rousseau, grandes mestres dos modernos pensadores. O grande Filosofo, e maximo Orador Romano não he unico em o conhecimento destes principios; teve por guia a Platão, e escuda-se com a authoridade de todos os Sabios: eu lhe tributo a minha estima, e me firmo naquelle conceito em que estou, de que Cicero he o maior dos Filosofos da antiguidade, e á sua vista eu considero como ignorantes, e soberbos aquelles que desprezão tão conspicuas verdades. A esta lei eterna se devem pois submetter todos os homens, porque della resulta huma moral, que abrange todo o genero humano; e quem resiste a esta lei he impio, e inhumano. Não leio sem admiração a doutrina do grande Cicero: — A verdadeira lei, diz elle, he a mesma razão, e a voz da Natureza commum a todos os homens, lei im-

mudavel, e eterna que nos prescreve nossos deveres; que nos véda a injustiça; que tem pouco imperio sobre os máos; mas que subjuga, e governa os homens de bem. Não se póde derogar, nem abrogar: não se lhe póde oppor lei alguma contraria; nem os póvos, nem os Magistrados se pódem subtrahir a ella; não necessita de outro orgão, de outro interprete mais, que de nosso mesmo coração. Não he huma em Roma, e outra differente em Athenas; huma hoje, outra amanhã; mas entre todos os póvos, e por todos os seculos he huma, he eterna, he immudavel; por meio della Deos nos ensina, e governa soberanamente todos os homens. Só Deos he seu author, seu arbitro, e seu vingador. Quem a não segue, se oppõe a si mesmo, he rebelde á Natureza, e acha em seu proprio coração o castigo de seu delicto, ainda quando se possa esquivar a todas as penas, que os homens lhe possão infligir.— Póde acaso a razão fazer hum obsequio mais justo á cren-

ça de hum verdadeiro Catholico? E quem poderá affirmar, á vista do que tenho dito, que não concordão as idéas naturaes concebidas por homens sem paixão com as idéas sobrenaturaes que a Fé nos dicta, e nos ensina?

Até aqui tenho exposto a doutrina dos antigos, que o Mundo venera como sabios; a disciplina das nações, que se regulárão como cultas, e disciplinadas; o sentimento universal dos homens, e principalmente daquelles, que forão tidos por mais honestos, e da mais conhecida probidade. Destas fontes se derivão os meios de conhecermos qual fora o sentimento da Natureza, e qual o dictame da razão a respeito da Divindade. Lisongeo-me de haver mostrado com evidencia — Que as idéas naturaes não se conservão em opposição com as idéas sobrenaturaes,— e que interrogando, e escutando o bom siso se deve observar, e conhecer a Razão, não discorde da Fé, mas necessaria á luz da Fé como infallivel para emendar os erros, e os enganos da razão

---

REIMPRESSA EM PERNAMBUCO, NA TYPOGRAPHIA DE SANTOS & C., RUA DA CRUZ, D. 36.